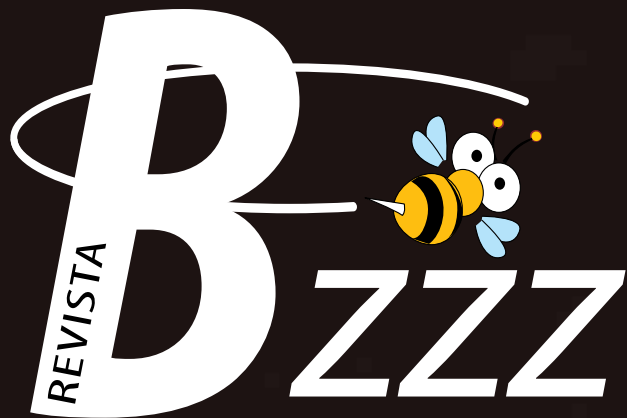


REVISTA **B**ZZZ



ANO 3 | Nº 23 | MAIO DE 2015 | R\$ 10,00

ROYAL SALUTE

A BOATE QUE MARCOU
ÉPOCA E TINHA UMA
ONÇA COMO ESTRELA

LEÃO SEM TETO

OBRA DA NOVA SEDE
DA RECEITA FEDERAL
EM NATAL ESTÁ NA BASE
ESTRUTURAL HÁ 15 ANOS

PEDRA DO ROSÁRIO

MONUMENTO À PADROEIRA
DA CAPITAL POTIGUAR SOFRE
ABANDONO E DEPREDÇÃO

O DONO DO IMPÉRIO

Paulo Octávio, um dos homens mais ricos de Brasília, fala, em entrevista exclusiva, sobre negócios, política, vida pessoal, Lula, Dilma, FHC, Aécio Neves e José Agripino



GRANDE DAMA

Clô Pedroza, a carioca
que transformou os
costumes da sociedade
de Natal

ORIANO DE ALMEIDA

Recordista de público do
Teatro Municipal de São
Paulo, o grande pianista
terminou seus dias na
penúria em Natal

INDONÉSIA

As belezas e
excentricidades
das Ilhas Gili

DINORÁ SIMAS: A história e o destemor da primeira mulher a comandar a maior penitenciária do RN e não se rende a ameaças de bandidos



1835



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA:
HÁ 180 ANOS SE RENOVANDO
COM VOCÊ. PARA VOCÊ.



Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa

180
ANOS
Ao seu lado

2015

A Assembleia Legislativa do RN sempre esteve ao lado do povo. Atuou fortemente no passado, cuida do presente e melhora o futuro de todos. São 180 anos em que o trabalho, assim como a renovação, nunca parou.



assembleiarn



www.al.rn.gov.br

PODER E CURIOSIDADES

O AVANÇO ARQUITETÔNICO DE Brasília chama a atenção até em um breve passeio. Os traços dos edifícios do Plano Piloto convivem atualmente com espigões que ostentam vidros espelhados, pastilhas brilhantes, granitos etc. Em muitos desses prédios luxuosos também chama a atenção um nome gravado: PaulOctávio. Trata-se do mineiro que dominou o mundo empresarial da capital brasileira, proprietário de um grupo que engloba empresas nas áreas de construção civil, seguros e comunicação, que viu sua fortuna se erguer na medida certa de cada dosagem para a obtenção do concreto para seus empreendimentos. Na sua veia também corre sangue político. Já foi deputado federal, senador, vice-governador e governador, mesmo que relâmpago, do Distrito Federal. Em entrevista exclusiva concedida à repórter Camila Pimentel para a Bzzz, ele falou sobre negócios, política e vida pessoal. Revelou seu ponto de vista sobre Lula, Dilma, FHC, Aécio Neves e José Agripino. Por que dois “os” juntos? Ele explica.

A jornalista Juliana Manzano passou uma manhã inteira na Penitenciária de Alcaçuz, onde entrevistou a primeira mulher a comandar a maior unidade prisional do Rio Grande do Norte: Dinorá Simas, que não se intimida diante de detentos, nem dos mais perigosos. Não temeu ameaças de presos que se rebelaram e exigiram sua demissão, mas o governo não resistiu e a transferiu para outra tarefa. Dinorá conta tudo. De Curitiba, Alice Lima enviou matéria sobre a solução para a crise hídrica que assusta o Brasil. No resgate da memória de bons tempos em Natal, Tiana Costa foi buscar detalhes e curiosidades da boate que marcou época na cidade: Royal Salute, onde até uma dócil onça era estrela. Dos mais belos pontos na capital potiguar para se apreciar o pôr-do-sol, a Pedra do Rosário sucumbe ao descaso e à insegurança. Lugar que também deveria ser atração de turismo religioso. Lugar onde a imagem de Nossa Senhora da Apresentação foi encontrada há 261 anos, às margens do Rio Potengi.

Thiago Cavalcanti revela a transformação que a elegante e vanguarda carioca Clô d’Azevedo provocou na sociedade potiguar. De família tradicional do Rio, casou-se com um dos homens mais ricos e poderosos do RN, na época, proprietário do imóvel em Brasília que foi rebatizado de Casa da Dinda. Louise Aguiar conta a história de um dos maiores conhecedores da obra de Chopin, considerado um dos grandes pianistas do Brasil, com fama internacional, que viveu os últimos dias na penúria em Natal. Roberto Campello mostra a obra abandonada onde hoje deveria funcionar a nova sede da Receita Federal. Vai completar 15 anos sem sair da base estrutural. Octávio Santiago foi à bela Paraty (RJ) e revela da gastronomia às belezas das praias, dos casarios e ruas típicas dessa cidade que remete ao Brasil Colônia. O promotor de Justiça Manoel Onofre Neto brinda os leitores da Bzzz com sua experiência em Bali e no desprezioso esplendor de um lugar chamado Gili Trawagan.

Em arquitetura, Wellington Fernandes traz a imponência do International Trade Center (ITC), empreendimento corporativo localizado na mais importante avenida de Natal. Em moda, Larissa Soares mostra a vez das gordinhas, que não mais precisam se massacrar para atender a ditadura magérrima da moda. E o artigo desta edição aborda o tema e o lema da Campanha da Fraternidade deste ano, na visão do deputado estadual, e católico, José Dias (PSD). Tem flashes do poder no Recife e de festas que abalaram Natal e Brasília. No túnel do tempo, o festão que marcou os 4.0 do empresário Marcelo Alecrim, presidente da ALE, a quarta maior distribuidora de combustíveis do Brasil.

Eliana Lima

EXPEDIENTE



PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

SITE DA REVISTA
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
portaldabelhinha.com.br

E-MAIL
revistabzzz@portaldabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldabelhinha.com.br

EDITORAS ASSISTENTES
ANDREA LUIZA TAVARES,
MARINA GADELHA

REVISÃO
REGINA COSTA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 9996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
ALICE LIMA, CAMILA PIMENTEL,
CARLOS DE SOUZA, JULIANA MANZANO,
LARISSA SOARES, LOUISE AGUIAR, MARINA
GADELHA, OCTÁVIO SANTIAGO, ROBERTO
CAMPELLO, THIAGO CAVALCANTI, TIANA
COSTA, WELLINGTON FERNANDES

FOTO DA CAPA
JOSÉ DIAS / AGÊNCIA BRASIL

FOTOS
JOÃO NETO, FRANCISCO JOSÉ DE OLIVEIRA,
SUELI NOMIZO, PAULO LIMA

GRÁFICA
IMPRESSÃO

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES



INTERNATIONAL
TRADE CENTER

Você à frente.

O empresarial mais bem estruturado da região está pronto para o seu negócio.

Restam poucas unidades, mas ainda dá tempo de levar sua empresa para o ITC. Conheça, surpreenda-se e garanta sua sala no empresarial que é referência em Natal.



Salas entregues com piso rebaixado, possibilitando alterações de layout a qualquer momento.



Estacionamento com 200 vagas rotativas. Auditório ou 3 salas de reunião entregues equipadas.



7 opções de planta a partir de 32,52m² ou andar corporativo com 320,94m².



Localizado na Av. Salgado Filho, principal via de Lagoa Nova.

EMPREENDIMENTO
PRONTO




O ÚNICO
DA CIDADE COM
OPÇÃO PARA
PISO ELEVADO

FOTO REAL



panorama | arco

mouradubeux.com.br

 /mouradubeuxoficial
 @mouradubeux_oficial
 /mouratv

LOJA NATAL SHOPPING:

2010.0300

vendasonline@mouradubeux.com.br

 (81) 9108.1522

REALIZAÇÃO:

MD
Moura
Dubeux
Engenharia

As cores, perspectivas, fotos e demais imagens desta peça publicitária têm caráter meramente ilustrativo, por se tratar de bem em construção. Os móveis e acessórios ilustrados aqui não são partes integrantes do contrato, nem das salas comerciais à venda. Os móveis e equipamentos que compoem as áreas comuns do empreendimento encontram-se listados em memorial descritivo específico. Incorporação Imobiliária registrada na 2ª CRI - 6º Ofício de Notas de Natal/RN, sob o número R-3-57.305, em 16/03/2011. Para mais informações, contate a Imobiliária Caio Fernandes, CRECI 1191/J - 17ª Região.

Foto: Vanessa Carvalho



10

CRISE

Solução para a crise hídrica no Brasil está no subsolo

TURISMO

66 Paraty

O charme da cidade histórica e de belezas naturais do Rio de Janeiro

ARQUITETURA

80 ITC

Sofisticação e segurança marcam o projeto do Internacional Trade Center de Natal

MODA

84 Vez

Gordinhas põem fim à ditadura da magreza

Assine a Revista Bzzz

(84) 9920 7494
revistabzzz@portaldabelhinha.com.br

/revistabzzzrn
 @revistabzzz
 @revistabzzz

The advertisement features a large, stylized logo for 'Bzzz' with a bee. Below the logo, there is a stack of magazine covers. The top cover prominently features Eduardo Campos and lists various articles such as 'MANSÃO', 'MISTÉRIO', 'ALECRIM', 'SEXÓLOGOS', 'DESCASO', 'MEMÓRIA', 'OPIN D', 'ERRO', and 'ERRARIO'. The text 'Assine a Revista Bzzz' and contact information are clearly visible.

Aproveite o melhor de Cotovelo e Pirangi.
O SEU LITORAL O ANO INTEIRO



No litoral sul, 365 dias se transformam em um roteiro repleto de ricas belezas naturais, muita diversão e tranquilidade. Viva momentos inesquecíveis nas mais belas praias do país. Conheça o Maior Cajueiro do Mundo. Sinta a sensação de mergulhar nos Parrachos de Pirangi. Tudo com o conforto dos melhores hotéis e pousadas da região, além do sabor de uma culinária única.

**Parnamirim**
Crescendo com a gente.



ELIANA LIMA

Com colaboração de Camila Pimentel, de Brasília

CONGESTIONAMENTO

Os corredores da Câmara dos Deputados nunca viram tantos funcionários circulando juntos. Motivo: ato da Mesa Diretora determinou que todos os servidores efetivos trabalhem oito horas diárias de expediente. Com isso, superlotou os corredores e restaurantes, inclusive o estacionamento. Antes, os servidores cumpriam seis horas e realizavam rodízio. Agora, falta até computador para trabalhar.

CERRADO

Está chovendo prefeitos em Brasília. Motivo: a abertura programada pelo governo do sistema de cadastro de convênios. Com pires nas mãos, fazem o périplo por liberação de emendas e cadastro de novos projetos para os municípios.



BZZZ...

A deputada federal Renata Abreu (PTN-SP), numa ação inédita, resolveu narrar em um blog os bastidores das votações da Câmara. O blog, então, foi notícia na Folha de São Paulo e na revista Veja. Agora, os colegas fogem dela. Segundo publicou no canal digital, em tom de brincadeira, os parlamentares nem foto querem mais tirar com a deputada, pois ficaram temerosos com a exposição do cantinho digital.

NA PORTA

O Ministério do Turismo é um dos locais de romaria. Principalmente por prefeitos do RN, que querem aproveitar o potiguar Henrique Eduardo Alves no comando. Em tempos de vacas magras no sertão nordestino, qualquer ajuda do Planalto com orçamento impositivo é festejada.

EXPRESSO

Em um dos posts polêmicos, a deputada do PTN disse que foi comemorar o seu aniversário em Brasília e até Tiririca compareceu. Em outra postagem, brincou que diante da celeridade imposta pelo presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), durante as votações, os parlamentares estavam pensando em ir para o plenário de tirolesa.

TABULEIRO

Candidato a deputado federal em 2014, Abraão Lincoln (PRB-RN) não se contentou com a condição de suplente. Segundo captou a Abe-lhinha-Eleitral, já corre processo no Tribunal Regional do RN para o fazer integrante da bancada federal potiguar.

EM TEMPO

O alvo de Lincoln é o pastor e deputado federal Antônio Jácome (PMN).



PERIGO

Na primeira semana de maio, o assassinato de um estudante universitário em Natal chocou o Rio Grande do Norte. Ele deixou uma boate acompanhado de um homem e desapareceu, na madrugada do dia 1º. O corpo foi encontrado dois dias depois em uma estrada carroçável. Identificado e preso, o rapaz, lutador de Jiu-Jitsu, justificou que o matou após desentendimento no motel.

ALERTA

Segundo informações da polícia, o assassino confesso é um entre tantos que não sabem se são gay ou hétero e precisam de dinheiro para pagar as prostitutas de um bordel próximo à boate, além de drogas. Sabem que o perfil da última vítima – com carro e bem vestido – apresenta que tem dinheiro e pode ajudá-los. Quando a situação sai errada, como falta de mais dinheiro, por exemplo, joga-se a justificativa no desentendimento por papéis sexuais.

MAIS

Trata-se de um mundo de silêncio e ‘vergonhas’ que ocorre com muita frequência de norte a sul do Brasil. Tal jogo de “suicídio” e riscos, como o que vitimou o jovem natalense, pode servir de alerta para essa geração que está descobrindo esse mundo e enfrentando o silêncio do preconceito que envolve-a. Horror que leva famílias ao sofrimento insuperável.

EM TEMPO

O assassino confesso segurava um capote porque foi deixado por um outro motoqueiro no bordel próximo.

PROBLEMAS

Para além da questão patrão versus empregados, a procuradora do Trabalho Ileana Neiva, do RN, membro do MARCCO (Movimento Articulado de Combate à Corrupção), questiona: “Terceirização envolve a própria autonomia estatal e o modelo de estado que queremos construir. Um estado social



de direito, com prestação de serviços e redução das igualdades sociais, ou um estado mínimo, em que saúde, educação, tudo pode ser terceirizado?

ALÉM

A procuradora alerta para os vários casos de corrupção noticiados pela imprensa em que a terceirização é o mecanismo utilizado para a obtenção de vantagem indevida. Para ela, “sob o discurso da eficiência da terceirização, o que se emerge, na realidade, é a eficiência com que a terceirização tem sido uti-

lizada para fraudes”. Considera que “além de muito cara, a terceirização de serviços torna a administração pública refém das contratadas. Se a administração não aceitar o preço proposto, não recebe o serviço, e já sem estrutura para executá-lo, mercê dos sucessivos anos sem concurso público e sem aquisição de máquinas e equipamentos, fica refém das contratadas”.

LUPAS

Sobre problemas de acidentes no trabalho, em que terceirizados são campeões, Ileana Neiva opina que existe uma necessidade de o Ministério Público do Trabalho atuar “em mais sintonia com a Polícia Civil para identificar os responsáveis pelos acidentes,

sob o prisma criminal”. Lembra que expor a vida ou a saúde de outrem a risco é crime previsto no art. 132 do Código Penal, mas existe uma “tendência, nos inquéritos policiais, a entender que houve culpa da vítima”. O que “ocorre por desconhecimento da legislação trabalhista por parte dos policiais”, afirma.

LUXO

O grupo potiguar Gentil Negócios inaugurou no coração da expansão do Shopping Iguatemi de Fortaleza a primeira loja da Swarovski do mundo no conceito cubo de cristal com quatro fachadas de vidro, em meio a jardins e espelhos d'água.

Na boutique, toda uma seleção especial de peças de suas últimas criações até grandes clássicos da marca, como os acessórios da coleção Cristal Gardens, inspirada na natureza e, mais especificamente, um jardim em plena primavera.



Foto: Vanessa Carvalho



Gota d'água

Com a crise hídrica, águas subterrâneas são apontadas como solução em um cenário de desperdício e exploração desordenada

Por Alice Lima
Fotos: Divulgação



A CENA DE CRIANÇAS na escola aprendendo a não desperdiçar água não é nenhuma novidade. Entre os ensinamentos, a lição principal é que se trata de um bem esgotável e, principalmente por isso, é preciso cuidar. Na maioria das vezes, no entanto, a educação em prol do consumo consciente fica restrita aos livros e atividades do colégio, enquanto em casa, na rua e passeios o cuidado é facilmente esquecido.

O problema que mais parecia uma ideia apocalíptica distante bate à porta do Brasil. Quando São Paulo, estado mais rico e poderoso do País, enfrenta a seca da Cantareira, cujas consequências já chegaram às casas e comércio, o assunto ganhou mais destaque e alerta máximo. Os anos de seca no Nordeste nunca assustaram tanto quem vive em outras regiões como conseguiu fazer a situação de São Paulo.

O Brasil é um país privilegiado em relação à quantidade de água doce que concentra, com 12% do bem superficial no mundo. Em contrapartida, perde 39% de sua água tratada, ocupando a 20ª posição em um ranking sobre perdas composto por 43 países. O levantamento foi feito pelo

chmarking Network for Water and Sanitation Utilities), com dados de 2011. As perdas antes que a água chegue ao consumidor final incluem casos como vazamentos e ligações clandestinas.

Um dos maiores problemas dos recursos hídricos do Brasil é que não estão bem distribuídos no território. A região Amazônica detém aproximadamente 70% dos recursos, mas concentra apenas 2% da população. A região Nordeste, por exemplo, concentra 22% da população, mas detém apenas 6% dos recursos. Ou seja, as pessoas não estão onde a água está. Na região Sudeste, os recursos são suficientes, mas há concentração de pessoas e indústrias, então a demanda aumenta.

Dessa forma, é consenso entre os especialistas que pode haver colapso em grande parte do País caso não sejam tomadas medidas de planejamento a médio e longo prazos, e não apenas paliativas, considerando o crescimento dessas regiões e a disponibilidade hídrica. Monitorar a quantidade e a qualidade dos recursos, planejar seu uso e distribuir as águas para todos os fins a que ela se destina é o grande desafio.

Águas subterrâneas

Em tempos de crise, são as águas subterrâneas uma das partes do ciclo da água que mais ganham destaque. Isso porque é impossível manter o fornecimento de água doce de qualidade para abastecimento humano, indústria e agricultura se a água subterrânea não for aproveitada, uma vez que é a maior e mais segura de todas as fontes de água potável existentes na Terra.

De acordo com a Opersan, empresa de soluções ambientais, os aquíferos (formações geológicas que podem armazenar água subterrânea) são apontados como solução provisória para o problema, já que representam grandes reservas infiltradas no subsolo do planeta. Essas formações são muito significativas para a natureza, visto que por meio delas os cursos de água superficiais são mantidos estáveis e seu transbordamento é impedido por conta da absorção da água pluvial.

Se por um lado a existência dos aquíferos denota uma alternativa viável para o abastecimento em tempos de estiagem, por outro o excesso de exploração dessas águas subterrâneas pode causar o rebaixamento do solo e o avanço do mar sobre a superfície de água doce, salinizando a reserva nas áreas litorâneas, como já aconteceu em Boa Viagem, no Recife, pelo fato de a população viver muito próxima da costa.



Estação de Tratamento do Jiqui, no Rio Grande do Norte

Em muitos locais, a maior parte da água potável é de origem subterrânea — 80% na Europa e na Rússia e ainda mais no caso do norte da África e no Médio Oriente. Ao contrário de outros recursos naturais ou matérias-primas, a água subterrânea existe em todo o mundo. A possibilidade de ser extraída varia grandemente de local para local, dependendo das condições de precipitação e da distribuição dos aquíferos. Desde que o seu reabastecimento seja adequado e que a fonte se encontre protegida da poluição, a água subterrânea pode ser

extraída indefinidamente.

Neste cenário, Rodrigo Lilla Manzione, professor doutor da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp) e pesquisador da área de recursos hídricos subterrâneos e monitoramento de aquíferos, lançou o livro “Águas Subterrâneas, Conceitos e Aplicações sob uma Visão Multidisciplinar”. O conteúdo da obra apresenta um resgate histórico sobre a exploração das águas subterrâneas desde os primórdios das civilizações até questões sobre qualidade, amostragem e monitoramento da água subterrânea.

“A população se concentra nas costas, onde estão os deltas dos rios, os estuários, áreas frágeis e vulneráveis à poluição e ocupação desordenada. Assim, várias regiões acabam sofrendo com situações que levarão anos para que comecemos a ver alguma recuperação. Recife é um exemplo, com diversas áreas degradadas e ocupadas por populações de baixa renda que não têm acesso à água potável ou saneamento. Não acontece de uma hora para outra, degradar é mais fácil que recuperar”, explica o professor.

Para o especialista, a escassez da água é no momento um pro-

blema maior para a região Sudeste, que tem sofrido mais pela falta de chuva e pela quantidade de consumidores. Com isso, começam a ocorrer conflitos pelo uso e uma corrida por novos mananciais, visto as atividades econômicas que dependem do bem. Mas, segundo ele, trata-se de uma questão sazonal, diferente da região Nordeste, cujo problema é crônico. “Por isso os investimentos do governo federal na construção de cisternas e financiamento de obras faraônicas, como a transposição do Rio São Francisco, tudo para aumentar a resiliência da região quanto ao problema da seca”, considera.

A crise em São Paulo trouxe um aspecto positivo, segundo o pesquisador, que acredita que a discussão sobre o assunto subiu o nível, está mais técnica e difundida. “As pessoas passaram a prestar mais atenção, cobrar uns aos outros e das autoridades, além de adequar seus níveis de consumo. O importante é depois que a situação se normalize, a discussão não cesse e que as pessoas e governantes não deixem essa experiência passar sem que lições importantes tenham sido aprendidas e que possamos melhorar a gestão dos recursos hídricos de uma forma geral em todo o País”, enfatiza.



Estação de Tratamento de Extremoz/RN

Soluções

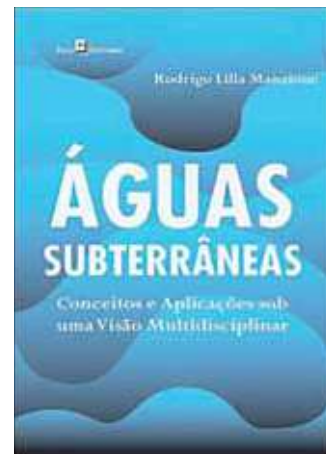
O poder público tem tentado propor soluções paliativas, como utilização de águas de reuso. Mas a principal questão é que a força motriz do ciclo hidrológico, a precipitação (chuva), não tem ocorrido nos níveis necessários e nos locais onde ela é mais necessária, como esclarece Rodrigo Manzione. “A recuperação dos mananciais passaria pelo tratamento de esgoto, recuperação de áreas de proteção permanente, desassoreamento de cursos hídricos, entre outros. Apesar de o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) ter disponibilizado um montante enorme de recursos para investimentos em saneamento, os municípios não conseguem acessar esse dinheiro por não terem situações financeiras estáveis. Não é porque o banco é público que ele empres-

taria dinheiro a quem não paga. Os municípios precisam de ajuda nesse sentido”, analisa.

Desse modo, o que ele indica entre as soluções possíveis é readequar seus sistemas para que o uso da água seja mais eficiente, assim como linhas de crédito para que as indústrias se vejam motivadas a trocar equipamentos por opções mais econômicas. Além disso, incentivar a produção de alimentos em locais onde há disponibilidade hídrica. “Infelizmente o desenvolvimento no Brasil ocorre de forma espontânea, sem planejamento, o que leva muitas vezes ao insucesso de empreendimentos que poderiam ser bem sucedidos em outras regiões. Mas aí faltam estradas, portos, energia, infraestrutura básica”.

A questão não é tão sim-

ples, passa por diversas esferas da sociedade e do poder público. A população – entendendo a questão – pode cobrar de forma mais eficiente. No abastecimento público, a principal questão seria o controle de perdas nos sistemas de distribuição que, segundo dados do Ministério das Cidades, relacionados ao ano de 2013, somam cerca de R\$ 8 bilhões.



Rodrigo Lilla, pesquisador e autor do livro

A LEI DO RETORNO

Nº 01

MESES DEPOIS... FISCALIZAÇÃO

ESTOU COM UM PROBLEMA. NÃO TENHO MAIS CONDIÇÕES DE PAGAR MEU TRANSPORTE ATÉ AQUI, TODOS OS DIAS. TERIA COMO A EMPRESA ME DÁ O VALE-TRANSPORTE?

JÁ PAGAMOS O SEU SALÁRIO, ARRANJE UM JEITO DE VIR. ISSO É PROBLEMA SEU!

DE ACORDO COM A LEI 7.418/85, O EMPREGADOR É OBRIGADO A CONCEDER O VALE-TRANSPORTE AO EMPREGADO. SUA EMPRESA SERÁ MULTADA!

ISSO TUDO? NÃO TEM COMO ALIVIAR? ESTAMOS COM TODA A DOCUMENTAÇÃO EM DIA, NÃO É JUSTO PAGAR MULTA SÓ POR NÃO COMPRAR O VALE-TRANSPORTE.

NÃO POSSO FAZER NADA. ISSO É PROBLEMA SEU!

ESCOLHA O CAMINHO DA GESTÃO RESPONSÁVEL. ADQUIRA AGORA, O NATALCARD VALE-TRANSPORTE ELETRÔNICO PARA A SUA EMPRESA. FIQUE EM DIA COM A LEI, CUIDANDO DO SEU FUNCIONÁRIO E CRESCENDO CADA VEZ MAIS.

IMPORTANTE: O direito ao transporte urbano gratuito é garantido ao idoso com 65 (sessenta e cinco) anos ou mais, pela Constituição Federal (artigo 230, § 2º) e pela Lei nº 10.741/2003 (artigo 39, caput), sendo CRIME a discriminação de pessoa idosa, impedindo ou dificultando seu acesso aos meios de transporte (artigo 69, caput, do Estatuto do Idoso).

(84) 3216-8450 www.natalcard.com.br

NatalCard
Tecnologia em nosso caminho

CORAJOSA E TEMIDA

Primeira mulher a comandar o maior presídio do Rio Grande do Norte, Dinorá Simas não se intimida diante de detentos, nem dos considerados dos mais perigosos. Tida como mão de ferro, passou a ser inimiga número um de criminosos que se rebelaram para pressionar sua demissão do cargo. O governo resistiu, sob a alegação de que não negociava com bandidos, mas, após séries de fugas no sistema prisional, a agente foi exonerada

Por Juliana Manzano

Fotos: Sueli Nomizo





FILHA DE COMERCIANTE E dona de casa, ela nasceu na pequena cidade de Grajaú, no interior do estado do Maranhão, a mais nova entre as cinco mulheres dos 10 filhos do casal. Teve uma infância difícil e se casou aos 15 anos de idade, antes de terminar o Ginásio – hoje Ensino Médio –, e foi mãe aos 16. Impedida de continuar os estudos pelo ex-marido, sempre nutriu a vontade de fazer faculdade e “trabalhar fora”, como ela mesma diz. Se o comodismo tivesse falado mais alto, talvez fosse o início, o meio e o fim da história de Dinorá Simas, a exemplo de tantas outras mulheres. Mas, optou por tomar as rédeas da sua própria vida e escrever novos capítulos para a sua história.

Após 17 anos se dedicando exclusivamente ao papel de mãe e dona de casa, separou-se. Não demorou e já na primeira semana procurou um supletivo para concluir os estudos. Um ano depois, era aluna do curso de Administração. “Sempre tive vontade de trabalhar, era meu grande sonho, acho que talvez por isso o casamento não tenha dado certo porque ele (marido) não deixava de jeito nenhum. Cheguei até a fazer matrícula escondida, mas quando ele sabia era uma briga enorme. Sempre existia cobrança da minha mãe, que dizia que meus nove irmãos eram todos formados, menos eu”, conta Dinorá.

Um dia, casualmente, ela foi ao centro da cidade e viu uma fila enorme se formando na Central do Cidadão. Eram inscrições para o concurso de agente penitenciário do Rio Grande do Norte, estado que ela mora e adotou como seu desde 1973. Dinorá não pensou duas vezes e decidiu se inscrever, mesmo escutando piada de uma amiga que a acompanhava. “Ela brincou dizendo que eu não tinha mais idade porque eu já estava com 45 anos”, lembra, rindo.

“

Sempre tive vontade de estudar, mas meu marido não deixava”.

Naquele momento, nem imaginava que a decisão tomada iria mudar o rumo da sua vida. Aprovada no concurso, assumiu o cargo no ano de 2002. A partir daí, as atitudes marcadas por honestidade, seriedade, ética e zelo com o serviço público fizeram com que Dinorá fosse galgando espaços cada vez mais disputados dentro do sistema penitenciário potiguar. Ao longo dos anos, tornou-se respeitada por uns, temida por outros e conquistou admiradores, mas também muitos inimigos e uma coleção de ameaças.



Com diversos ônibus queimados, as rebeliões prisionais de março causaram pânico na população

Rebeliões e exoneração

No último mês de março, estouraram 17 rebeliões em unidades prisionais do Estado, com um saldo de 14, das 33 unidades, depredadas durante oito dias de motins. Na noite do dia 16, a população entrou em pânico diante da ação orquestrada de dentro das penitenciárias com ordens para queimar ônibus em vias públicas de Natal e Parnamirim. Quatro ônibus foram parados por bandidos, que ordenaram motoristas e passageiros a descerem e atearam fogo nos veículos. Os empresários recolheram a frota

nas garagens e a população usuária ficou sem transporte coletivo para voltar para casa. O caos instalado levou o governo estadual a decretar situação de calamidade do sistema prisional e instituir força tarefa para controlar a situação nos presídios. O Ministério da Justiça enviou homens da Força Nacional para ajudar no controle.

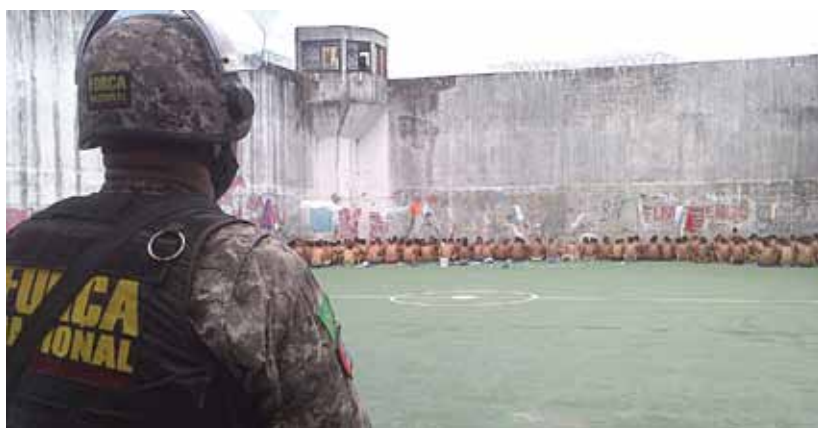
A exoneração de Dinorá Simas, então diretora da Penitenciária de Alcaçuz, e a saída do juiz Henrique Baltazar, da Vara de Execuções Penais, eram as principais reivin-

dicações dos presos para cessar as rebeliões. Vídeos gravados por presidiários invadiram as redes sociais, mostrando as quebraadeiras nas unidades prisionais, os ônibus pegando fogo, com citações à agente. Um deles gravou um rap em que afirmava que a diretora seria esquartejada e queimada e que o juiz seria morto com um tiro de fuzil. O preso, identificado como Jadson Henrique de Medeiros, está sendo processado.

À época, o governador Robinson Faria e a secretária de Segurança Pública, Kalina Leite – que



Situação vivida nos presídios é degradante



A Força Nacional ajudou a debelar as rebeliões no sistema prisional do RN



Facas, barras de ferro e celulares foram apreendidos nos presídios durante a revista

estava respondendo também, interinamente, pela Secretaria de Justiça e Cidadania (Sejuc) –, afirmaram que o governo não negociaria com detentos e a exoneração da diretora

estava fora de cogitação. Porém, no mês de abril aconteceram as duas maiores fugas da história de Alcaçuz, o mais importante presídio do RN. Em menos de 20 dias, mais de

60 presos fugiram usando um túnel que liga o Pavilhão 2 e a parte de trás do presídio. No dia 6 de abril, 32 homens escaparam e, no dia 22 do mesmo mês, foi a vez de 35 fugirem.

No dia seguinte, o novo secretário da Sejuc, Edilson França, exonerou Dinorá Simas da direção de Alcaçuz e a nomeou diretora do Presídio Provisório Professor Raimundo Nonato Fernandes, na zona norte de Natal. Foi troca de diretores, com a ida de Eider Pereira de Brito para Alcaçuz. A mudança, segundo o secretário informou à imprensa, já estava programada, sob a justificativa de que o rodízio no comando dos presídios seria necessário, mas a impressão que ficou para muitos foi a de que o governo cedeu à pressão dos detentos.

Questionada sobre o assunto, Dinorá é precisa na resposta. “Quero acreditar que isso [a exoneração] não tem nada a ver com o pedido dos presos, até porque eles já tinham pensado nisso antes. Mas, só quem pode responder realmente é o secretário [Edilson França]”, diz.

“Eu gosto mesmo é de trabalhar, não importa aonde. Eu gostava muito de estar em Alcaçuz e acho que vinha realizando um bom trabalho, então, quando a gente muda sempre acha tudo diferente, inclusive a estrutura, e a adaptação é um pouco difícil”, comenta Dinorá sobre a unidade que abriga 520 presos provisórios, onde cerca da metade deles ela comandava na função anterior, após transferências realizadas na época dos motins.

O início no serviço público

Quando ingressou no serviço público do Estado, em 2002, Dinorá trabalhou no Hospital de Custódia, localizado na zona norte da capital. “Nesse tempo ainda era a Polícia Militar que tomava conta do sistema. O cabo me ligou e disse que eu tinha cara de dona de casa. Então, me colocou para trabalhar na cozinha, fazendo inspeção. E fiquei lá até a cozinha ser terceirizada, quando me mandaram para a Coape [Coordenação de Administração Penitenciária] porque parece que as pessoas que eles achavam que não sabiam fazer nada mandavam para lá como se fosse um castigo”, lembra a agente.

Após uma semana de expediente sentada no corredor da Coape, o coordenador à época, Geraldo Albuquerque, questionou o que estava fazendo. “Respondi que nada porque ninguém tinha me dado função nenhuma, apenas tinham me mandado para lá. Lembro como se fosse hoje. Ele abriu a porta e falou para a secretária: “Coloque dona Dinorá para trabalhar aqui”. Eu disse a ele que não sabia nem ligar um computador e ele me disse que eu não tinha culpa, mas que iria aprender”.

Depois de um tempo, Dinorá foi convidada para dirigir o Centro de Detenção Provisória (CDP) da Ribeira e, em junho de 2011, para a vice-direção do Complexo Penitenciário João Chaves, na zona norte, onde comandou a ala feminina até julho de 2012. O trabalho – inclusive social – realizado à frente da unidade chamou a atenção dos gestores e ela recebeu o convite para ser a primeira mulher a comandar o maior presídio do Estado, Alcaçuz, em 2012, função que exerceu durante a gestão da ex-governadora Rosalba Ciarlini.



Dinorá e equipe de Alcaçuz

Obrigou quem pagava serviço a trabalhar

O convite foi recebido como mais um desafio dos muitos que encarou durante toda sua vida. “Eu sabia que era muito complicado, mas como eu gosto de desafios, aceitei. O que eu quero é a melhoria do sistema, então, se me convidaram, é porque confiaram no meu trabalho”, afirma, lembrando as primeiras dificuldades encontradas na unidade. “Foi muito difícil em tudo porque existia muita coisa errada até da parte dos servidores mesmo. Tinha servidor que há um ano não ia a Alcaçuz, só pagando serviço aos colegas. Para quem estava recebendo era muito bom. Mas fiz uma reunião, puxei esse pessoal e hoje não existe mais isso. Muita gente não

gostou, ficou com raiva. Mas mostrei a eles que temos que começar por nós para poder corrigir. Eu exigia de um lado, mas também fazia o possível para melhorar outras coisas, como o alojamento e o refeitório deles. Sempre digo aonde vou que meu objetivo não é agradar ninguém, é fazer meu serviço. E melhorou bastante, noto que eles trabalham com mais vontade. O problema é que é muito trabalho para pouca gente”, enfatiza.

A primeira passagem por Alcaçuz durou quase dois anos, de onde seguiu para coordenar a Coape, durante nove meses. No entanto, em 16 de janeiro, já na gestão do atual governador Robinson Faria, ela retornou ao comando de

Alcaçuz, onde permaneceu até o último dia 23, sendo transferida para a direção do Raimundo Nonato.

A personalidade forte, o jeito destemido e o comprometimento com o sistema fizeram com que Dinorá sempre se destacasse nas funções exercidas. Para ela não há segredo. “É preciso ter apenas compromisso e interesse no trabalho. O problema de muitos é querer dar apenas o expediente, ir para casa e

não querer aprender nada da parte administrativa. Acham que ser agente é só abrir e fechar cadeado, como um trabalho de máquina, e se dissermos para cumprir um alvará, nem sabem por onde começar. Muitos que entram no sistema não têm interesse em crescer e, por isso, tornam-se subordinados a comandos de outras instituições quando o certo é que nós tomássemos conta do nosso sistema”, opina.

“
Eu sabia que
era muito
complicado,
mas como
gosto de
desafios,
aceitei”.

Ameaças frequentes

Conviver constantemente com ameaças foi algo que a agente Dinorá Simas teve que aprender. Com o passar do tempo e as mudanças nas funções, as situações foram se tornando cada vez mais frequentes. Durante os motins realizados no mês de março, a diretora viu seu nome ganhar repercussão nacional quando foi utilizado pelos presos líderes das rebeliões nos presídios potiguares, que exigiam a sua saída do comando de Alcaçuz.

Apesar disso, ela acredita que a reivindicação tenha sido apenas uma desculpa. “Essa informação de que eles iam prejudicar as unidades já é muito antiga. Faz mais ou menos um ano que eles prometem isso. Então, acho que foi só uma desculpa, mas, mesmo assim, eu questiono o porquê. Por que eu quero arrumar a vida deles? Por que me preocupo com a entrada de materiais ilícitos? Eles acham que eu estou prejudicando por isso? O uso da droga prejudica demais.



Reprodução

Vídeo com ameaças, divulgado durante as rebeliões

Quantas mortes não já aconteceram por causa da droga? Aquele rapaz que gravou o rap [Judson Henrique de Medeiros, prometendo esquartejá-la] disse que só fez aquilo porque estava drogado. Foi algo que fez mal a ele e agora vai responder a um processo por ameaça”, afirma Dinorá.

A agente diz que, mesmo sob ameaça, em momento algum pensou em abandonar o barco. “Foi um atrevimento muito grande pedir a minha saída e a do juiz [Henrique Baltazar]. Muita gente próxima pediu para que

eu entregasse o cargo, mas eu não quis, embora esteja cansada”, disse, dias antes de ser exonerada pela Sejuc e transferida para outra unidade.

Por conta das ameaças, ela também preferiu se afastar da família. “Sou ameaçada o tempo todo. Sofria ameaças bem antes de ir a Alcaçuz, desde a época da João Chaves. Já nem dou mais importância às ameaças que me mandam por celular dizendo para eu ter cuidado. Acredito que ainda não está na minha hora porque ainda tenho muito o que viver, mas a morte chega no dia certo. Não tem quem evite. Quando for o dia, ela chega. Mas, minha família se afastou. Não estou tendo contato nem por telefone para não envolvê-los. ‘Abandonei’ todos. Já estou na linha de frente, para que mais gente?”, comenta, revelando que não se imagina exercendo outra profissão, embora seu sonho fosse de atuar na Polícia Federal.

Sistema falido ou gestores impotentes?

Sequência de fugas, unidades destruídas, presos soltos nos pavilhões e efetivo insuficiente. Este é o cenário de um sistema prisional frágil, onde o déficit de vagas ultrapassa os três mil e as penitenciárias assemelham-se a um queijo suíço, tamanha é a quantidade túneis descoberta.

Ao todo, são aproximadamente 7,7 mil presos distribuídos nas 33 unidades prisionais do Estado, quando o total de vagas disponível é de apenas 4,6 mil. O resultado é o amontoado de homens em celas minúsculas com a ociosidade em primeiro plano, dando vez à mente vazia trabalhar para o mal.

Embora os exemplos sejam da situação do maior presídio do RN, as demais unidades são bastante semelhantes. Em Alcaçuz existem quatro pavilhões, onde vivem quase mil detentos em regime fechado. Já na Penitenciária Rogério Coutinho Madruga, o chamado Pavilhão 5, são outros 500.

Se o número de detentos no RN é bem maior do que o que se poderia ter, o estado está bem longe de dispor de um efetivo próximo do ideal de agentes penitenciários. Em Alcaçuz, por exemplo, a média é de seis



O cenário degradante é reflexo do sistema penitenciário falido

ou sete agentes por equipe para dar conta de quase mil presos. “É muito trabalho para pouca gente e com a quantidade atual de agentes não fazemos quase nada. Muitas vezes precisamos depender dos próprios presos para pegar outro em algum pavilhão por questão até mesmo de segurança do agente”, revela Dinorá.

Durante os motins realizados no mês de março, as celas e grades da Penitenciária de Alcaçuz foram destruídas e, desde então, os presos

permanecem soltos dentro dos pavilhões. Diante da situação e com o pequeno efetivo de que a direção dispõe, as revistas internas só podem ser realizadas com o apoio da Polícia Militar, o que não é feito com a frequência que a situação exige. A dificuldade para exercer o controle dos detentos tem, de certa forma, ‘colaborado’ com a liberdade dos presos, o que resultou em duas seguidas fugas em massa em um curto período de tempo.



Para onde vai o barro dos túneis?

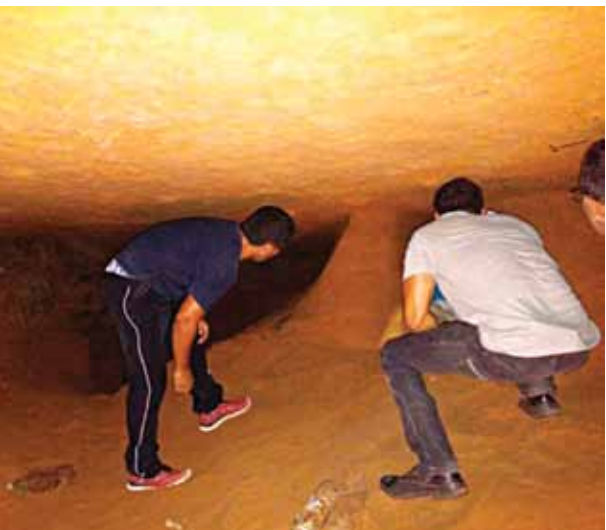
Em ambas as fugas – 6 e 22 de abril –, a mesma estrutura foi utilizada pelos presos: um túnel subterrâneo ligando o Pavilhão 2 aos fundos da área externa do presídio. Apesar de a entrada do túnel da primeira fuga ter sido obstruída com concreto, os presos refizeram a abertura e construíram uma nova passagem, de forma que pouco mais de três metros separavam as duas. O túnel tinha cerca de 55 cm de diâmetro e ficava a menos de dez metros de uma das guaritas. No momento desta segunda fuga, por volta das 3h da madrugada, sete das dez guaritas dos presídios estavam ocupadas por policiais militares e sete agentes penitenciários trabalhavam em plantão.

Ao ser questionada para onde vai todo o barro retirado na

escavação dos túneis, sem ser percebido, Dinorá Simas explica que os detentos estavam utilizando uma área dentro de uma cela para colocá-la. “Com os presos soltos e um efetivo muito pequeno, não temos condições de entrar nos pavilhões. Então, isso facilita muito o ‘trabalho’ deles”.

Antes das fugas de abril, a maior debandada ocorreu em 6 de novembro de 2000, quando o bando do assaltante Valdetário Carneiro invadiu a Penitenciária de Alcaçuz e o libertou junto a mais 28 detentos. Já a maior fuga do sistema prisional potiguar foi registrada em janeiro de 2012, quando 41 detentos conseguiram escapar da Penitenciária Rogério Coutinho Madruga, que tem administração independente de Alcaçuz.

Fotos: Divulgação



Falta de efetivo para fiscalizar os detentos facilita a abertura de túneis no sistema prisional



Transferência de presos onera e é perigosa

Na visão de quem convive diariamente, há 13 anos, com o sistema prisional do RN, a principal medida a ser tomada pelo governo do estado é, sem dúvida, a construção de novos presídios para a abertura de vagas. “Não se consegue fazer nada na Coape porque a demanda por vagas acontece 24 horas por dia. É um jogo de xadrez. Às vezes tira-se de um canto para colocar em outro e não vale nem a pena. Se houver construções, acredito que vai melhorar”, considera Dinorá.

Ela concorda que a transferência de alguns presos para o Centro de Detenção Provisória de Parelhas, município da região do Seridó, foi necessária, embora acredite que essa decisão resulte em problemas futuros. “O preso está respondendo ao processo em Natal e é transferido

para Parelhas, mas quando tem audiência tem que vir à capital. É mais um custo para o Estado e mais efetivo desfalcado de algum lugar para acompanhar. Não acho que a transferência seja provisória até porque no ano passado, na época da Copa do Mundo, nós mandamos 80 presos de Alcaçuz para Caicó e até agora eles não voltaram porque não há vagas. É preciso construir novas unidades porque a bandidagem só aumenta. No CDP de Pirangi há um ‘quartinho’ para 30 homens, mas já chegou a ter 90”, ressalta.

Para Dinorá, uma boa alternativa é a construção de cadeias por regiões. “A de Ceará-Mirim – região do Mato Grande – é um bom começo e não acho que seja um problema uma penitenciária próxima à área residencial. O local fica cheio de policiais,

então, por que temer? Fugas não são tão frequentes. Aquela região de Lajes, Angicos e Santana do Matos, por exemplo, não tem nenhum um CDP. Quando se prende alguém por ali, ou vai para Assú, Mossoró ou Natal. Em Lajes até foi cogitada uma construção, mas a população interveio na época e deixaram para lá”, pondera.

O problema da falta de vagas poderia ser minimizado caso o governo anterior tivesse executado quatro obras para a melhoria do sistema penitenciário estadual (construção da Cadeia Pública de Ceará-Mirim, da Cadeia Pública de Macau, de unidade prisional em Lajes e reforma e ampliação da Unidade Psiquiátrica de Custódia do Complexo Penal Dr. João Chaves, em Natal), todas fruto de convênios assinados em administrações anteriores.

A então governadora Rosalba Ciarlini, entretanto, devolveu os R\$ 14,3 milhões de recursos federais, de convênios firmados, ao Departamento Penitenciário Nacional (Depen). Dinheiro que deveria ter sido utilizado na construção de novas unidades prisionais e em obras de reforma e ampliação, além de não ter executado outros dois projetos, de R\$ 24,4 milhões. Por conta disso, o Ministério Público Federal (MPF) e o Ministério Público do Rio Grande do Norte (MPRN) ingressaram com uma ação de improbidade contra a ex-gestora.

Os representantes do MP apontam que “havia a potencialidade de criação de 1.511 novas vagas para internos do sistema penitenciário estadual. No entanto, por absoluta inação, nenhuma delas foi criada, tendo havido a devolução de milhões de reais em verbas federais, além de ter sido frustrada a liberação de outros milhões”.

Para Dinorá, o segundo principal ponto da situação crítica é a falta de concurso para contratação



“
O governo
vai e deve
investir, pois
os olhos do
mundo estão
no sistema
penitenciário.”

de agentes penitenciários. “A necessidade de aumento do efetivo é nítida e precisa acontecer também em curtíssimo prazo. O governo vai e deve investir porque os olhos do mundo estão no sistema penitenciário”.

Além das prioridades urgentes, ela destaca a importância do aspecto social e elege a manutenção de uma equipe de saúde nas maiores unidades como indispensável. “Por uma questão de segurança e de logística, principalmente. Quando um preso precisa sair para qualquer atendimento médico que seja, é preciso que parte da equipe o acompanhe para custodiá-lo no hospital ou unidade de saúde. Se já temos poucos agentes, ficamos com quase nenhum aqui. É muito complicado. Se para quem está em liberdade, lá fora, às vezes é difícil conseguir um medicamento, imagina para quem está preso. Eu não medico ninguém porque não tenho conhecimento da área de saúde, mas é fato de que precisamos de pelo menos um técnico de enfermagem”, atenta a diretora.

CPI do Sistema Carcerário

A expectativa é de que o Rio Grande do Norte seja o primeiro estado a receber representantes da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Sistema Carcerário Brasileiro. Ao todo, os membros que integram a comissão devem visitar, em missão oficial, os cinco piores e os cinco melhores presí-

dios do Brasil, assim como os três melhores presídios do mundo, para estudar e avaliar todo o processo de evolução dos Sistemas Prisionais por vários ângulos.

Mesmo com o grave problema prisional no estado, nenhum parlamentar potiguar compõe a CPI do Sistema Carcerário,

que é presidida pelo deputado federal Alberto Fraga (DEM-DF). O relator é Sérgio Brito (PSD-BA). Os estados com situações críticas mais recentes no sistema prisional são o Rio Grande do Norte, Pernambuco e Maranhão. Dos três, somente o estado potiguar não possui assento na CPI.



Nos tempos do hit parade, quando a efervescência das badaladas noites cariocas e paulistanas acontecia em casas exclusivas que o high society chamava “night club”, Natal ganhava a boate que marcou época e reunia dos cobiçados aspirantes da FAB a políticos, empresários, famosos e socialites: Royal Salute, onde até uma dócil onça era estrela

Por Tiana Costa

Fotos: Arquivos pessoais



OS EMBALOS DE QUINTA, sexta e sábado à noite nunca foram os mesmos em Natal depois das décadas de 80 e 90. A cidade, que despontava como uma das mais jovens atrações turísticas do país, na época não oferecia variedade de opções de casas noturnas. Mas, uma coisa é certa: as poucas casas eram garantia de muita agitação e deixaram marcas e saudades em quem viveu naquele período efervescente, de boas músicas, muita paquera, onde a noite começa e termina com música lenta, em que casais dançavam coladinhos, fossem amigos ou paqueras. Tempos em que para revigorar uma agitada noite de muita diversão as boates ofereciam aquele caldinho revigorante. Como a Royal Salute era mais chique, era consomê.

A boate Royal Salute funcionou em um anexo no saudoso Hotel Reis Magos – localizado na Praia do Melo. Era uma dessas casas que promoviam grandes baladas, tanto para a juventude quanto para a “high society”. Ao contrário das baladas de hoje (onde não podem faltar os efeitos de luzes e os “bate-estacas” – músicas eletrônicas – quase sempre no mesmo ritmo), naquele tempo bastava um bom DJ, bom jogo de luz, muitos espelhos revestidos nas paredes e os hit parades – as músicas mais tocadas no Brasil e no mundo – “paradas do sucesso” nas rádios, grandes responsáveis por alavancar o sucesso de bandas e cantores.

Inaugurada no dia 22 de setembro de 1982, a Royal Salute foi um marco no setor de entretenimento da sociedade natalense. “A boate foi

para Natal uma casa noturna como o Club Hippopotamus foi para o Rio de Janeiro, considerada, na época, a boate mais chique do Brasil”, lembra o empresário pernambucano Paulo César Gallindo, que veio do Recife para comandar a badalada boate da capital potiguar por cerca de oito anos. “Montamos a Royal Salute nos mesmos moldes da Hippopotamus, onde funcionava como um clube privé. Os clientes eram sócios, que pagavam mensalidades para ter direito a usufruir da boate. Chegamos a ter mais de 1.200 sócios, apesar de a capacidade da casa ser de 300 pessoas”, conta.

Paulo Gallindo é pernambucano de nascença e potiguar de coração. “Vim para Natal no início dos anos 80, a convite de Samuel de Oliveira Neto, filho de Zezito Pedrosa, que tinha acabado de adquirir o Hotel Reis Magos, o mais famoso e charmoso de Natal”. Ao adquirir o equipamento, o novo dono realizou uma grande reforma e viu que havia uma área ideal para uma boate. “Como éramos amigos e eu já atuava na noite pernambucana desde meus 17 anos, Samuel me convidou para assumir a boate e eu abracei a ideia, pois senti que Natal tinha espaço para uma casa bacana, moderna, ao nível das existentes no Rio de Janeiro e em São Paulo”. No início, a Royal Salute funcionava nas quintas, sextas e sábados. Mas depois também aos domingos, com a matinê chamada “A Tarde Jovem”, recorda o empresário.

Paulo descreve que a decoração era supermoderna, seguindo a tendência das melhores casas do país. O projeto foi do arquiteto Marconi Grevi, um

dos mais atuantes da época e dos mais vanguardistas do Brasil. “As paredes eram todas espelhadas, com camarotes, dance tipo arena, jardim bem tropical com pergolado, e a grande atração que era a onça Charles”. Isso mesmo: a boate tinha uma onça que ficava em uma jaula e chamava atenção no ambiente.

A inauguração da Royal Salute agitou a cidade. “Para se ter ideia, como eu sou de Pernambuco e administrava casas noturnas lá, veio um voo lotado de Recife para a inauguração. Foi uma festa em black-tie que reuniu pessoas da sociedade de Natal, Recife, além de columnistas sociais do Rio e São Paulo. Na ocasião foi servido um buffê especial e todos os doces vieram do Recife”, relata Paulo Gallindo. A abertura coincidiu com a vinda do primeiro famtour (passeio de familiarização do turismo por convidados da área), que trouxe jornalistas e agentes de viagens de várias capitais para conhecer a cidade, divulgar seu potencial e lançar o primeiro pacote turístico, denominado “Natal está na Moda”. “Não existiam os hotéis na Via Costeira e a cidade só dispunha do Reis Magos, o Ducal e o Hotel Tirol”.

Com o despontamento de Natal para o turismo, as quintas-feiras foram destinadas à “Noite do Turista”, quando os visitantes eram homenageados e atraíam muita gente “conhecida” da capital potiguar. A Royal se tornou um ponto obrigatório para quem chegava à cidade. A maioria dos turistas tinha conhecimento da existência da boate. “Ela virou referência para os visitantes”, diz Paulo.



Cartão de sócio



No bar, as bebidas das noites Royal

Com brindes e sem confusão

Nunca foi registrada uma briga ou confusão na casa, apesar do consumo de bebidas alcoólicas. “Era um ambiente muito salutar, que tinha uma convivência harmônica, apesar das bebidas que eram consumidas”, explica Paulo Gallindo.

A boate servia coquetéis famosos, mas nas datas comemorativas a maioria dos sócios gostava de consumir o uísque Royal Salute, em referência ao nome da casa. “Era um uísque que ficou marcado quando queriam brindar com a melhor bebida da casa. Era charmoso brindar com Royal Salute. Mas a clientela também costumava consumir em aniversários ou outras datas a champanhe Viuvinha (Veuve Clicquot)”. Nas sextas e sábados, a boate lotava e, a partir da

meia-noite, ninguém mais entrava. “Muita gente ficava na fila esperando alguém sair para poder entrar. Os trabalhos só encerravam com o dia claro”, recorda.

Além do funcionamento normal, motivos temáticos também eram realizados com frequência. “Promovíamos muitas festas, como a Noite Cowboy, Noite Havaiana, Noite Mexicana, Noite Escocesa, Noite de Jazz. Eram festas interessantes, quando as pessoas se fantasiavam e várias atrações de fora ligadas ao tema marcavam presença. Também realizamos várias prévias carnavalescas dos blocos de elite que marcaram os antigos carnavais de Natal. Todo aniversário da boate era comemorado com festa black-tie”, discorre o empresário.



Paulo e o DJ Solón Silvestre, que também veio do Recife, na cabine de som



Noite black-tie também começava com dança lenta



Equipe de garçons



J. Oliveira, Claudia Felinto, Bosco Gallindo, J. Epifânio, PG



Flávio Rocha e os colunistas J. Epifânio e Hilneth Correia



Festa do bloco Jardim de Infância



Nininha Costa em uma das festas temáticas da Royal



Wellington Paim, Márcio Guedes, Nino Abreu



Entrada da boate



Hillneth Correia e Samuel Oliveira



A Royal também foi palco de concurso de beleza. Na passarela, Tânia Brito



Luciana Galvão, Gladys e Fernando Fernandes



Cláudia e Paulo Gallindo ainda namorados



Os aspirantes eram o maior público

Tempos dos aspirantes da FAB

A boate Royal Salute também ficou marcada pela frequência dos aspirantes da Força Aérea Brasileira (FAB). Eram jovens aspirantes a piloto, aprovados no curso de cadetes em Pirassununga, São Paulo, que chegavam em grandes grupos à cidade e permaneciam durante um ano. Com poder aquisitivo razoável, atletas, inteligentes, festeiros e de boa aparência física, a presença deles atraía a mulherada.

“A Royal foi responsável por muitos casamentos e relacionamentos entre os aspirantes e as meninas de Natal”, descreve Paulo Gallindo. Segundo ele, o Catre (Base Aérea de Parnamirim) tinha um bom relacionamento com a Royal. “Todo ano a festa de boas-vindas dos recém-chegados a Natal era realizada na casa. Eram festas disputadíssimas entre as meninas que queriam conhecer os novos aspirantes”, confirma.



Um dos camarotes da boate



Casal Maria e Francisco Nunes e o badalado hair Getúlio Soares em noite black-tie

Público poderoso

Muitos bacanas da sociedade eram sócios, entre eles políticos, empresários e profissionais liberais, que tinham a Royal como excelente opção de lazer. “Comecei grandes amizades aqui em Natal naquela época”, recorda Paulo, que veio abrir a boate no início da década de 80 e ficou até hoje. “Vim passar um fim de semana em Natal, bebi água daqui e nunca mais voltei a morar em Recife”, brinca. “Lá se vão 33 anos militando na noite de Natal”, desmancha-se.



PG recebe o casal Anna Maria Cascudo e Camilo Barreto



Paulo Gallindo com o assíduo frequentador Black Zé e o hoje prefeito Carlos Eduardo Alves



O ator Paulo César Grande em conversa com Murillo Felinto



PG recebe Aclinata, Simone, Célia, João Neto e Andreia Marinho



Mulheres cheias de charme na pista de dança



Herbene Pessoa e Sanderson Lopes

Dos grupos de frequentadores que tinham destaque na sociedade e no mundo político e empresarial, Paulo de imediato lembra alguns, como Mário Roberto Barreto, Marco Antônio Gadelha, Marcos Santos e Dadora Alves, Eduardo Gadelha e Silvana, Ricardo Faria e Mônica, Robinson Faria, Ricardo Motta, José Raimundo (então badalado dono da distribuidora Brahma), Ronaldo Lopes, Sami Elali e Sandra; o então prefeito de Natal, Marcos Formiga, e esposa Celina; José Agripino e Anita Maia, Flávio Rocha. E muitos outros.

Foi na Royal Salute que Paulo conheceu a esposa,

Cláudia Gallindo. “Cláudia nasceu em Natal, mas na época estudava em Recife e vinha passar os finais de semana aqui. Eu a conheci em 1984, na boate. Namoramos, noivamos e estamos casados até hoje”, conta o empresário.

“A Royal foi uma das melhores casas que eu tive e acredito que foi um dos melhores momentos que a sociedade natalense viveu. Hoje não sei se seria possível se fazer uma casa no estilo daquela, porque a realidade é outra. Com o advento de grandes shows, bandas de forró e muitas outras, a cultura mudou muito e não há espaço para um ambiente como aquele”, lamenta.



Jorge Fernando e Solón Silvestre



Isabelle Shelman, Bosco e Paulo César Grande

Fechamento

Em 1989, o Hotel Reis Magos foi arrendado por uma grande rede de hotéis de Pernambuco. Neste mesmo ano, as instalações da boate foram vendidas para um grupo local, mas o projeto Royal não se perpetuou por muito tempo pelo novo grupo que ficou à frente da casa.

“Na época, já tínhamos aberto o Chaplin (restaurante que também marcou época na cidade e hoje é uma badalada casa de recepção) e resolvemos investir no empreendimento. Fizemos uma metamorfose e criamos o Complexo Chaplin, composto por vários ambientes de entretenimento, com bar, restaurante, pub, boate, enfim, uma tendência que surgia por todo o país”, descreve.



Hotel Reis Magos, onde funcionou a boate Royal Salute

Onça Charles

A onça foi um presente que Paulo Gallindo ganhou de Zezito Pedroza, então dono do Hotel Reis Magos. Ela era criada no próprio hotel, numa área exclusiva. “Uma grade externa dava para o jardim da boate e fazia parte da ornamentação, mas o animal vivia num espaço amplo que ficava na área interna do hotel”, destaca.

Charles era criado como um animal de estimação. Quando pequeno, passeava na praia e tomava banho de mar. “A onça ficou de uns cinco a seis anos convivendo ali e nunca deu problema. Foi criada para o convívio doméstico, tanto que a gente andava com ela na praia e só deixou esses passeios quando ela cresceu e chegava a assustar as pessoas.

Mas tinha todo o acompanhamento de veterinário, adestrador e um cuidador exclusivo, que ficou conhecido como Zé da Onça”.

Paulo lembra que estava em Recife quando recebeu a informação de que o órgão responsável pelos assuntos pertinentes a florestas e defesa de animais, o extinto Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) – equivalente ao Ibama –, por meio de um mandado de segurança, foi apreender a onça com a afirmação de que não mais poderia ficar ali. Para transportar, foi aplicado um anestésico para o animal adormecer. “Só que a onça teve um choque anafilático e acabou morrendo”, lamenta Paulo César.



Charles e seu cuidador, Zé da Onça

Charles era uma atração à parte. “Ele era dócil. Os clientes, depois de “tomar umas”, colocavam a mão na boca dele e nunca houve problema. Só uma vez ele arrancou a roupa de uma frequentadora”, conta o empresário. A cena cômica e constrangedora aconteceu em uma noite de casa lotada. Paulo estava perto da jaula e uma cliente e amiga, ao falar com ele, foi surpreendida pela ação do animal. “Ele tinha ciúmes de mim. Quando minha amiga me abraçou, Charles quis afastá-la e acabou rasgando o vestido dela, que ficou só de calcinha”. A gerente da casa agiu rapidamente e providenciou uma toalha para cobri-la. “Foi um fato divertido e constrangedor ao mesmo tempo. As pessoas que presenciaram não sabiam se riam ou se aplaudiam a onça. A própria cliente acabou rindo muito”.



Paulo fala sobre a onça Charles ao casal Ana Maria Cascudo e Camilo Barreto



Charles era uma atração à parte



Charles conhecia bem os proprietários, na foto com Bosco Gallindo

Foto: Canidé Soares

A photograph of a sunset over a river. The sun is low on the horizon, creating a warm orange and yellow glow. The sky is filled with soft clouds. In the foreground, the dark silhouette of a person's head and shoulder is visible on the left side. The title 'Santa do Rio Potengi' is written in a large, white, elegant script font, with 'Santa' in a cursive style and 'do Rio Potengi' in a bold, sans-serif font.

Santa do Rio Potengi

Pedra do Rosário marca o local onde a imagem de Nossa Senhora da Apresentação foi encontrada, há 261 anos, às margens do Rio Potengi. Apesar da relevância histórica e religiosa, o monumento está depredado e a insegurança afasta visitantes desse ponto privilegiado para o espetáculo do pôr-do-sol

Por Marina Gadelha

Fotos: Sueli Nomizo



ENTRE O RIO E O CÉU, uma imagem representa a devoção dos católicos natalenses: Nossa Senhora da Apresentação, padroeira da capital potiguar. Conhecido como Pedra do Rosário, o ponto na Avenida do Contorno, bairro de Cidade Alta, marca o local onde começou a história dessa santa, encontrada por pescadores no dia 21 de novembro de 1753. O monumento de valor histórico e religioso é um potencial destino para a visita de turistas e católicos que, além de admirar a mãe de Jesus, podem contemplar o espetáculo diário do pôr-do-sol às margens do Rio Potengi. Contudo, hoje em dia a imagem recebe poucos visitantes por causa da insegurança e da visível falta de zelo pelo patrimônio público.

Em uma visita à Pedra do Rosário encontramos lamentável cenário de abandono. São canteiros tomados pelo mato, pichações, trechos de calçada quebrada, lixo e até fezes. Nem a coluna que sustenta a santa ficou livre dos vândalos e teve alguns dos pedaços de mármore arrancados. Perto dali mora dona Terezinha Siqueira, 85, que há 47 anos tem a imagem de Nossa Senhora da Apresentação como vista da sua casa e lamenta o estado em que atualmente se encontra. “Meu marido tomava conta da Pedra do Rosário enquanto era vivo, mas depois que ele se foi, em 2007, ninguém mais cuidou de lá”, diz a religiosa senhora que mantém a tradição iniciada pelo marido, Edgar Siqueira, de oferecer café da manhã todo dia 21 de novembro aos fiéis de Nossa Senhora da Apresentação. Nesse dia, uma missa especial é celebrada às 5h e reúne cerca de 40 mil pessoas para comemorar a data de chegada da padroeira de Natal.



Má conservação e insegurança afastam visitantes do local onde foi encontrada imagem da padroeira de Natal

“Agora meus filhos e netos me ajudam a montar uma mesa bem completa. Toda a família vem para cá e aproximadamente 120 pessoas de fora também entram em minha casa para aproveitar o café da manhã. É gente que eu nem conheço, mas o café de Nossa Senhora todo mundo pode tomar”, conta a devota. O movimento é grande nesse dia, mas durante o resto do ano a realidade é diferente na Pedra do Rosário por causa dos constantes assaltos. Segundo dona Terezinha, a região é dominada por usuários de drogas que roubam os visitantes e, assim, o local foi levado ao esquecimento. Até a imagem de Nossa Senhora da Apresentação já foi roubada de lá e encontrada posteriormente na vizinha cidade de Macaíba. Em substituição a ela está a atual, feita em pedra sabão.

A Secretaria Municipal de

Serviços Urbanos (Semsur) é a responsável pela conservação das áreas públicas da cidade e realiza anualmente uma manutenção na Pedra do Rosário em preparação para o dia 21 de novembro. No entanto, não há projeto de revitalização para o local e nem previsão de quando realizará reforma, mas ainda neste semestre será feita a revisão da iluminação, pintura e limpeza. O secretário de Serviços Urbanos, Raniere Barbosa, alega que a dificuldade orçamentária impossibilita recuperação mais completa. “A Pedra do Rosário é um cartão postal da cidade, além de pertencer ao patrimônio histórico de Natal. Porém, somente com os recursos do Governo Federal será possível realizar uma intervenção significativa. A Prefeitura do Natal aguarda resultado de licitações para executar uma manutenção no local”, explica.



Nossa Senhora do Rosário ganhou nome de Apresentação em Natal



Dona Terezinha, devota da santa



Raniere Barbosa, secretário de Serviços Urbanos

Símbolo religioso

Foto: Cacilda Medeiros

Diz a tradição oral que no dia 21 de novembro de 1753 pescadores encontraram um caixote encalhado em meio às pedras que margeiam o Rio Potengi. Ao abrirem o misterioso objeto, os humildes potiguares viram uma imagem de Nossa Senhora do Rosário e junto a ela os escritos que diziam: “no ponto onde der este caixão não haverá nenhum perigo”. Como na referida data o calendário litúrgico da Igreja Católica festeja a apresentação da mãe de Jesus no templo, a imagem foi batizada de Nossa Senhora da Apresentação. Essa é a história conhecida da padroeira de Natal, perpetuada entre as várias gerações que até hoje rezam para a santa do Rio Potengi. A devoção é bem particular dos natalenses, destaca o padre Flávio Herculano, pároco da matriz de Nossa Senhora da Apresentação. De acordo com ele, a expressão é diferente de algumas padroeiras do interior, que ganham fiéis de outras cidades. Exemplos são Mossoró, Caicó e Santa Cruz, que recebem romeiros de várias origens para expressar a fé a Santa Luzia, Sant’Ana e Santa Rita, respectivamente.

Para festejar o dia 21 de novembro, a igreja promove festejos todos os anos e tem como principal momento a missa na Pedra do Rosário. Antes dela é feita a procissão fluvial, em que a imagem da mãe de Jesus sai do bairro de



Devoção dos fiéis na chegada da imagem à Pedra do Rosário, após procissão fluvial



Padre Flávio Herculano, pároco da matriz de Nossa Senhora da Apresentação

Santos Reis, ainda de madrugada, às 3h, e segue pelo Rio Potengi até o ponto onde foi encontrada há 261 anos. “Essa missa tem como grande diferencial o local de celebração. Ele fala por si só, é um lugar sagrado em que as pessoas se sentem motivadas a frequentar”, afirma o pároco. Desde setembro de 2013 a igreja também realiza no

dia 21 de cada mês o terço e a missa do pôr-do-sol na Pedra do Rosário, sempre às 16h, e conta com número crescente de pessoas.

Padre Flávio acredita que faltam mais estrutura e segurança para fomentar a visita ao monumento, que poderia ser explorado como atração turística da cidade. Defende a parceria entre igreja e poder público para melhorar o cuidado com o local. Ele também atribui à comunidade o zelo pela Pedra do Rosário, pois não adianta a mobilização das entidades se a própria população não colaborar. “Depredam, picham e usam a região como ‘boca de fumo’. O monumento está em uma área vulnerável, por isso precisamos contar com as pessoas da comunidade para manter esse símbolo da fé natalense”, defende.



Naturalmente Poderosa

Os costumes da sociedade potiguar não foram mais os mesmos após a chegada a Natal da elegante e vanguardista carioca Clô d'Azevedo, senhora Sylvio Pedroza, um dos homens mais ricos e poderosos do estado, proprietário da Casa Pirangi, em Brasília, que depois de vendida foi rebatizada de Casa da Dinda

Por Thiago Cavalcanti
Fotos: Arquivo de Família



Cló Pedroza influenciou uma geração com sua personalidade vanguardista



MAGRA E ELEGANTE, AMIGA de artistas, políticos e socialites. Vanguardista como a capital do Rio Grande do Norte nunca tinha visto antes. Inclusive na ousadia de se desquitar, em época tão conservadora, do marido que governou o estado. Perdeu um filho e terminou seus dias em Brasília, cidade que não gostava. Assim era Clotilde Maria d’Azevedo, Dona Cló, como preferia ser chamada, que desempenhou magistralmente o papel de primeira-dama e inseriu novos hábitos na sociedade potiguar.

Para os que tinham o privilégio da sua amizade, era Cló Pedroza, esposa do então governador Sylvio Pedroza, homem de muito poder e muitas posses que, inclusive, foi o primeiro dono da famosa Casa da Dinda, em Brasília, antes denominada

Casa Pirangi. De fino trato, nasceu em chamado berço de ouro, em Petrópolis, Rio de Janeiro, no dia 25 de março de 1918. Filha do industrial Alceu Guimarães d’Azevedo e Clotilde, Cló e suas irmãs foram criadas com todas as regalias e preceitos que moças de boa linhagem poderiam ter. Estudaram no tradicional Colégio Sion (na época apenas para mulheres), no bairro carioca do Cosme Velho.

O casal e seus seis filhos (Alceu, Eduardo, Maria da Glória, Luiz, Clotilde e Olga Maria) moravam em um casarão no bairro de Laranjeiras. No Palácio do Catete, que pertenceu à família, – os Barões de São Clemente – era comum receberem em seus salões chefes de estados, políticos e embaixadores. O clã tinha por hábito frequentar o Clube Fluminense, que ficava vizinho à sua residência. Foi nas quadras de tênis do clube que Cló

conheceu o potiguar Sylvio Piza Pedroza, com quem se casou em 1939.

Início da década de 40, o casal se muda para Natal. A jovem Clotilde deixa família e amigos da irrequieta Cidade Maravilhosa e vem morar no Nordeste. Acostumada com o luxo e diversão da então capital do país, em solo potiguar se deparou com uma cidade pobre e atrasada. Inicialmente moram em uma casa alugada, na então concorrida Avenida Deodoro da Fonseca. Ao mesmo tempo, o advogado Sylvio Pedroza construía grande casa na Avenida Hermes da Fonseca, no bairro do Tirol, em estilo colonial espanhol, com dois andares e jardim interno que ostentava frondosa tamarineira. Depois de instalados, começa a chegada dos herdeiros Sérgio, Sylvio, Marília e Luiz Eduardo. Cló era conhecida como uma mãe carinhosa e protetora.



O casal Pedroza com os filhos Sérgio, Sylvio, Luiz Eduardo e Marília, na residência da Avenida Hermes da Fonseca



Clô Pedroza atuou na Legião Brasileira de Assistência



A embaixatriz do glamour também era preocupada com causas sociais

Novos hábitos

Até 1945, Sylvio Pedroza foi deputado estadual. No ano seguinte, assumiu a prefeitura de Natal, por indicação de José Augusto Varela. Tempo de apogeu e ascensão do poder Pedroza. O papel de primeira-dama caiu como uma luva para Clô. A carioca de família tradicional, elegante e de fino trato inovou no quesito da arte de bem receber. Promoveu festas nababescas, saraus e peças infantis (entre seus pupilos estavam os engenheiros Álvaro Alberto Barreto e Fernando Bezerra, como pequenos atores).

A sociedade potiguar da época começou a

respirar novos ares. Clô promovia festas com orquestras trazidas do Rio de Janeiro. Adorava fumar em reuniões sociais, influenciou muitas mulheres na cidade. Seu grande amigo potiguar foi o pianista Oriano de Almeida, que compôs uma música em sua homenagem, Sonata para Clô. Posteriormente ela o ajudou, no Rio, estudando em sua casa e treinando a participação de Oriano no Programa do apresentador J. Sivestre, "O Céu é o Limite", na TV Tupi, onde ganhou o prêmio máximo de um milhão respondendo sobre Chopin.

Em 1951 Sylvio Pedroza foi empossado governador, após a morte do antecessor, Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia, em um desastre aéreo na região do Rio do Sal, na costa do estado de Sergipe. Dessa vez Clô se torna a primeira-dama do estado. Também embaixatriz do glamour. Mas nem só de frivolidades foi marcada sua atuação no governo. Dona Clô, como primeira-dama e presidente da LBA no estado (Legião Brasileira de Assistência), foi incansável na assistência às populações carentes, especialmente durante a gestão marcada pela seca. Recebeu a visita de dona Darcy Vargas, presidente da LBA nacional e esposa de Getúlio Vargas. Outra passagem histórica foi a recepção à primeira-dama argentina Evita Perón, quando esta fez uma escala no Aeroporto Augusto Severo.

Pode-se dizer que Clô d’Azevedo Pedroza foi a primeira locomotiva social do RN. Em sua residência promovia bailes de carnaval, em um deles estava grávida de oito meses do filho Luiz Eduardo. Tornou-se fã dos carnavais do Clube América e dos blocos de Natal e do Rio. Na cidade, teve grandes amigas, como Anita Ferreira de Souza, Violeta Tinôco, Maria Luíza Filgueira e as irmãs Barbalho (Jacira, Ivone e Zuleide). Na residência de veraneio, em Pirangi, recebia diversas personalidades nacionais e internacionais da política e da cultura.

Ditou moda e estilo. Era cliente das mais paparicadas na famosa Maison Casa Canadá, no Rio. De suas viagens pelo mundo afora, trazia as novas tendências da moda. Foi muito copiada por outras senhoras da época. A carioca elegante e vanguardista ficou em Natal até 1957, quando acabou o governo do marido, mas deixou sua marca registrada na nova elite potiguar que surgiu no início do século.

Sua casa passou a ser a residência oficial dos governadores que sucederam Sylvio Pedroza. O primeiro foi Aluízio Alves.



Clô no Copacabana Palace ao lado do presidente Juscelino Kubitschek



Jantar para Getúlio Vargas em sua residência



Ao lado do marido em cumprimento ao general Eisenhower, durante a Segunda Guerra



Recepcionando a primeira-dama da Argentina, Evita Perón, no Aeroporto Augusto Severo



Louça da família exposta no Museu da República



Companhia Federal de Fundição do Rio de Janeiro, um dos negócios da família descendente de barões



O industrial Alceu Guimarães e a esposa Clotilde, a filha Clô e os netos Sylvio, Sérgio e Marília na varanda do palacete no bairro carioca de Laranjeiras

Riqueza e descendência

A mãe de Clô Pedroza, também Clotilde, era filha do Barão de São Clemente, cujo pai, o primeiro barão e conde de São Clemente, era o dono do Palácio do Catete, atual Museu da República, que foi construído pelo seu pai, o Barão de Nova Friburgo (bisavô de Clô Pedroza). O palácio, após sua venda e incorporação ao Patrimônio da União, em 1896,

passou a ser sede do Governo Federal, até a mudança para Brasília.

O pai, Alceu Guimarães d'Azevedo, era descendente dos barões do Rio Bonito e dono da Companhia Federal de Fundição, fabricante de postes de iluminação pública elétrica e a gás, e de grades de ferro utilizadas no Passeio Público na Cinelândia, Rio de Janeiro.

Vida nada fácil

Em 1962, Clô se separa de Sylvio Pedroza. Começa uma nova fase para a madame chique e refinada. Após sua separação, que na época chamava-se desquite, e era quase um palavrão, ela teve que trabalhar e passou por uma fase difícil. Chegou a penhorar joias de família para pagar contas. Sempre contou com o apoio da irmã Glorinha, viúva do ex-governador e senador fluminense Miguel Couto Filho.

“Mamãe passou uma barra financeira muito grande, penhorou joias na Caixa Econômica e vendeu antiguidades da família para pagar as despesas da casa”, recorda o filho Luís Eduardo Pedroza.

Com a morte da irmã, Clô herdou seu apartamento de cobertura (recheado de obras de artes), na Av. Vieira Souto, e ou-

tros imóveis. A partir daí sua vida se estabiliza confortavelmente. Passou um tempo na cobertura e mudou-se para um apartamento na Rua Samuel Morse, no Flamengo, que, por coincidência, havia sido da sua mãe Clotilde, que lá foi morar após a venda do casarão da Rua Soares Cabral.

Nesse período, Clô Pedroza conviveu com a atriz Eva Tudor, que era sua vizinha de porta. Entre as melhores amigas no Rio, figurava a embaixatriz Lígia Collor Jobim, irmã de D. Leda, mãe do ex-presidente Fernando Collor. Todas ex-alunas do Colégio Sion. Por coincidência, a casa do ex-marido Sylvio em Brasília foi vendida ao senador Arnon de Mello, pai de Fernando Collor, que mudou o nome de Pirangi para Casa da Dinda.



Clô separou-se de Sylvio em 1962 e passou a ser desquitada, uma afronta para a sociedade da época

Clô foi uma das mais engajadas nos trabalhos sociais ao lado de dom Helder Câmara, a quem ajudava na organização da Feira da Providência na barraca do Estado do Rio de Janeiro, com sua irmã Glorinha. Era amiga também de dom Eugênio Sales, que batizou o seu filho caçula, Luiz Eduardo, em Natal.

Os fins de semana eram na fazenda da prima Branca Moreira Alves, mãe do jornalista e deputado Márcio Moreira Alves, o Marcito. Lembrado como pivô do AI-5 ao proferir discurso contra os militares em setembro de 1968, exortando as moças a não namorarem os cadetes, Márcio teve o seu processo negado pela Câmara, o que levou ao fechamento da Casa legislativa e ao seu exílio no Chile.

Numa dessas viagens à fazenda, dona Branca morreu em grave acidente de carro e

Clô ficou ferida. Na época, o governo militar não autorizou a vinda de Marcito do exílio para o enterro da mãe.

A vida continuava a pregar peças. Em 1985, seu filho Sylvinho, renomado artista plástico, é diagnosticado com um câncer no cérebro. A doença reaproximou Clô do ex-marido. O potiguar visitava o filho todo santo dia, durante um mês e meio em que esteve vivo. Sylvinho morreu aos 43 anos, o que abalou completamente a família. Os pais envelheceram rapidamente, mas Clô precisava de forças para seguir em frente. Dedicou-se aos netos, amigos e ao hobby da pintura. Dizia que precisava ficar ocupada para não enlouquecer.

“Mamãe foi uma guerreira, tinha personalidade muito forte, muito autoritária e ao mesmo tempo humana e amorosa com quem gostava”, lembra a filha Marília Pedroza.

A matriarca Clotilde com as filhas Clô e Glória e os genros governadores, Sylvio Pedroza e Miguel Couto Filho



Com o filho Sylvio, que morreu de câncer aos 43 anos





“

Mamãe foi uma guerreira, tinha personalidade muito forte, muito autoritária e ao mesmo tempo humana e amorosa com quem gostava”

Marília Pedroza

Brasília

Clô Pedroza tinha uma mágoa muito grande com a nova capital do País. Não gostava por ter sido indiretamente o motivo da sua separação, quando Sylvio foi trabalhar lá, a convite do então presidente Juscelino Kubitschek, em 1960, e não levou-a. No ano de 2000, o filho Luís Eduardo, administrador e advogado, mudou-se para Brasília e levou consigo a mãe. Seu irmão Sérgio já residia na capital federal.

Em 2006, chega ao fim o ciclo de vida da elegante carioca Clotilde Maria d’Azevedo Pedroza, aos 88 anos, na capital do poder que lhe causou dor e que a acolheu em sua velhice em uma bucólica casa no Lago Norte, na companhia dos filhos e netos, ao lado de sua cachorrinha Lola.



Clô foi uma grande admiradora da fidelidade dos cães

— GÊNIO — ESQUECIDO

Grande conhecedor da obra de Chopin e considerado um dos maiores pianistas do Brasil, com fama internacional, Oriano de Almeida bateu recordes de público em apresentações de música erudita, até hoje insuperável no Teatro Municipal de São Paulo, e terminou seus dias de vida recluso em Natal, na dependência da ajuda de amigos e familiares

Por Louise Aguiar

Fotos: Sueli Nomizo e do livro "O céu era o limite"

ELE É CONSIDERADO UM dos mais importantes pianistas e musicólogos brasileiros. Seu reconhecimento chegou, inclusive, ao cenário internacional. O prestígio, porém, não foi suficiente para dar a Oriano de Almeida um fim de vida compatível com o estrelato. Morreu em 2004, de complicações causadas por um câncer de próstata, esquecido do grande público, isolado em um quarto no Hotel Sol, Cidade Alta. O paraense com fortes raízes em Natal findou seus dias ao lado de poucos e bons amigos. Sem piano. Sem música.

Nasceu em Belém no dia 15 de julho de 1921. Batizado Oriane, adotou depois o nome artístico. Filho de pai natalense, Raymundo de Almeida, e mãe paraense, Onélia, chegou a Natal junto com os pais e a irmã Ossi em 1930, aos nove anos de idade. Veio para ser batizado junto com a irmã, enquanto seu pai aproveitaria para se tratar de uma doença gástrica com o médico Januário Cicco. Seu padrinho foi o pianista Waldemar de Almeida, que na época acabara de chegar de cursos na Europa.

Antes de chegar à capital potiguar, Oriano já havia se encantado com o piano e costumava tocar algumas músicas, em Belém. O padrinho, vendo o jeito que o menino demonstrava para o instrumento, pediu que ele ficasse mais um tempo em Natal, enquanto a família voltava para o Norte do país. “Foi nessa época que seu pai faleceu e ele foi ficando por aqui. O padrinho pianista notou que ele tinha jeito para a música, começou a ensinar e foi ficando surpreso: o menino era melhor do que ele pensava”, conta Cláudio Galvão, amigo e escritor da biografia de Oriano de Almeida, intitulada “O céu era o limite”.



O pianista teve uma carreira precoce e brilhante



Ao realizar uma audição com seus alunos, a maioria adultos, Waldemar de Almeida programou Oriano para fechar o recital. “O menino lourinho de calças curtas arrebentou e a plateia pediu bis. A partir daí ele começou a ser pianista”, conta Galvão. Durante praticamente toda a década de 1960, Oriano de Almeida, vivendo o melhor de sua forma, foi considerado um dos maiores pianistas brasileiros. Fez turnês pelo exterior, deu cursos no Brasil e no exterior, alcançando prestígio invejável nas grandes cidades do sul do país. Bateu recordes de público nos grandes teatros do Rio de Janeiro e São Paulo, fato pouco comum para um intérprete de música erudita.

Em Natal, estudou com o primo e padrinho Waldemar de Almeida. No Rio de Janeiro, estudou com a famosa Magdalena Tagliaferro, considerada uma das maiores pianistas do século 20. Em São Paulo, venceu concurso e ganhou uma turnê pelo interior daquele estado. Nessa época já começava a pensar mais na música do que na Medicina, que planejava estudar no Rio. Devidamente encaixado na



Plateia recorde no Teatro Municipal de São Paulo

nova atividade, apresentou recitais em quase todo o país, excursionou por cidades dos Estados Unidos, tocou na França, Espanha, Itália e Polônia. “Comentava-se no Rio de Janeiro que Oriano era o único pianista brasileiro a lotar o Teatro Municipal em inúmeros recitais”, destaca Cláudio Galvão.



Oriano durante apresentação no Teatro Alberto Maranhão, em Natal



O célebre pianista também se apresentou na Polônia

Maior conhecedor de Chopin

Segundo o escritor, o pianista empregava na maioria de suas apresentações uma maneira informal e descontraída de alcançar o público. Antes de tocar a peça completa, explicava a música, falava sobre o autor, tocava trechos para facilitar a compreensão. Ministrou vários cursos em Natal e em muitas cidades. “O mais marcante foi em Lausanne, na Suíça, em 1972, quando apresentou oito conferências em francês sobre a vida e a obra de Chopin. Na ocasião, tocou de cor todas as composições do autor, completas ou trechos. Sua fama de conhecedor de Chopin cresceu quando representou o Brasil no IV Concurso Internacional

de Piano Frédéric Chopin, realizado em Varsóvia, em 1949”, lembra.

Outro episódio curioso da carreira do músico foi a participação em um programa de TV de perguntas e respostas, em São Paulo. Oriano de Almeida bateu o recorde do programa, ganhou um milhão de cruzeiros e apresentou concerto no Teatro Municipal de São Paulo, batendo também recorde de público até hoje não superado. “Era tanta gente e os ingressos esgotados que tiveram de colocar cadeiras no próprio palco. Esse iluminado viveu e morreu modestamente em Natal. Tínhamos um gênio entre nós e não sabíamos”, lamenta Galvão.



Dias difíceis

Apaixonado inveterado pela música, Oriano de Almeida só pensava em tocar e não se preocupou com o futuro financeiro. Terminou seus últimos dias de vida em Natal doente, morando em um quarto de hotel, dependendo de dois salários mínimos de sua aposentadoria como autônomo e da ajuda dos amigos mais chegados, entre eles a então primeira-dama Clô Pedroza, esposa do governador potiguar Sylvio Pedroza. “Com os dois salários mínimos pagava suas despesas (que eram sensivelmente reduzidas por Fernando, dono do hotel) e ainda economizava para ajudar nas passagens da filha e netos quando vinham a Natal”, detalha Cláudio Galvão.

Oriano vivia sozinho no Hotel Sol, mas quando adoeceu foi internado no Hospital da Polícia Militar graças a seu amigo Anchieta Ferreira, que era médico da PM. O câncer já estava em estado



A amiga Clô Pedroza ajudou o pianista desde o auge da carreira até os dias mais difíceis

avançado. No leito hospitalar passou um ano e cinco dias. Sua longa permanência como civil em apartamento de um hospital militar causou problemas com a administração e ele já estava para ser transferido para a Liga Norte-rio-grandense Contra o Câncer. Amigos interferiram junto à então governadora Wilma de Faria, que o manteve ali até falecer, no dia 11 de maio de 2004. O Governo do Estado também custeou as despesas do sepultamento.



“

Esse iluminado viveu e morreu modestamente em Natal. Tínhamos um gênio entre nós e não sabíamos”.

Cláudio Galvão

Amigo e escritor



Cláudio Galvão e o pianista na inauguração do Memorial Oriano de Almeida, em 2001

Os grandes amigos

De acordo com o escritor Cláudio Galvão, o amigo mais “chegado” e mais antigo de Oriano era o escritor Veríssimo de Melo. “Foram colegas de escola primária e amigos durante toda a vida. Muitas pessoas também ficaram ligadas a ele. Janda Pinto foi fiel até o fim; Marcelo Fernandes esteve sempre com ele; Luíza Maria Dantas, sua aluna, e Marlize Romano, sua aluna e prima, tiveram-lhe uma dedicação filial. O médico Anchieta Ferreira foi o responsável pelo seu internamento no Hospital da Polícia, quando adoeceu; Enélio Petrovich, admirador fraternal, foi o mentor da sua ascensão à Academia Norte

Rio-grandense de Letras, e José Valdécio foi mais um dedicado irmão”, relata.

Há que se destacar ainda os médicos Ernani Rosado e Celso Matias, que o acompanharam no hospital sem cobrar um centavo. “Até eu poderia me colocar entre eles, pois nos últimos anos tivemos muitos contatos para escrever sobre sua vida e durante o seu período de internação. Muitos outros nomes foram amigos apenas nos ‘bons tempos’, quando Oriano estava no auge de seu prestígio. Quando o sol começou a declinar no poente, muitos se afastaram e procuraram árvores mais frondosas para colher frutos”, frisa o escritor.

Vida

Cláudio Galvão descreve Oriano de Almeida como emocionalmente mais ligado a Natal que a Belém. Foi na capital banhada pelo Rio Potengi que o pianista passou a infância e a adolescência, praticamente adotado por Waldemar de Almeida e sua irmã Maria – Bibi –, casada com o pianista Garibaldi Romano.

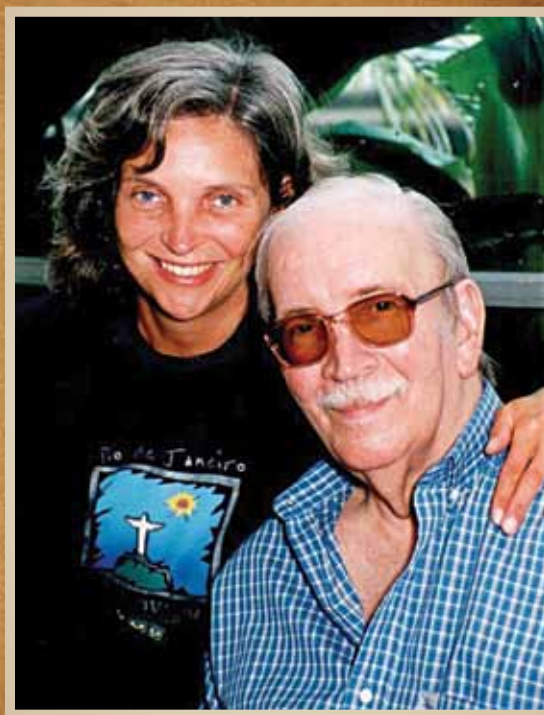
Sua mãe casou novamente e teve filhos, mas ele, quando morava no Rio de Janeiro e vinha a Natal para férias, nunca deixou de ir a Belém visitar a mãe e dar numerosos recitais. Conheceu em Paris a pianista paulistana Iris Bianchi. Casaram-se e tiveram apenas uma filha, Lílian, que reside no Canadá e lhes deu dois netos, Nicolas e Lucas, que passaram muitas férias em Natal e aqui estiveram com a mãe para o lançamento da biografia de Cláudio. Segundo ele, Lilian vem a Natal a cada dois anos.



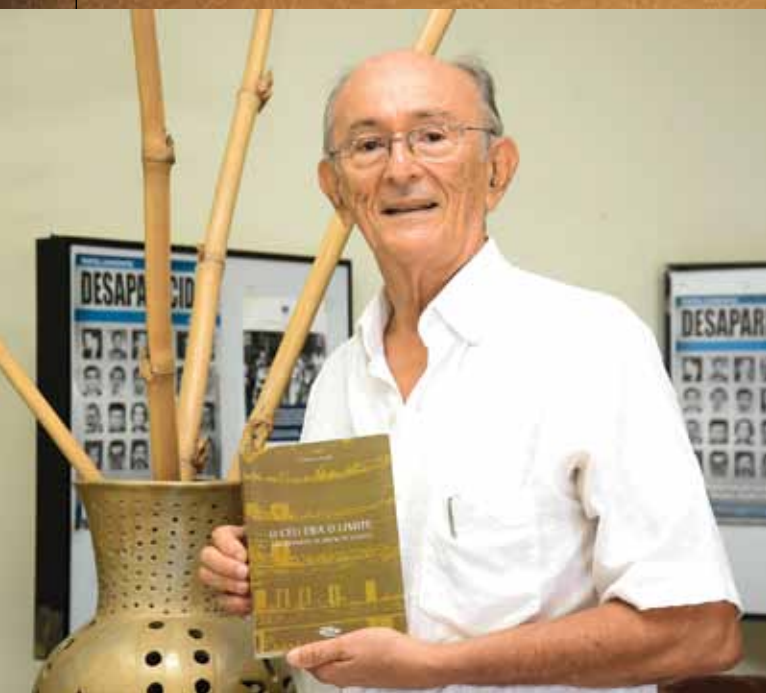
Recitais glamorosos e internacionais fizeram parte de sua carreira



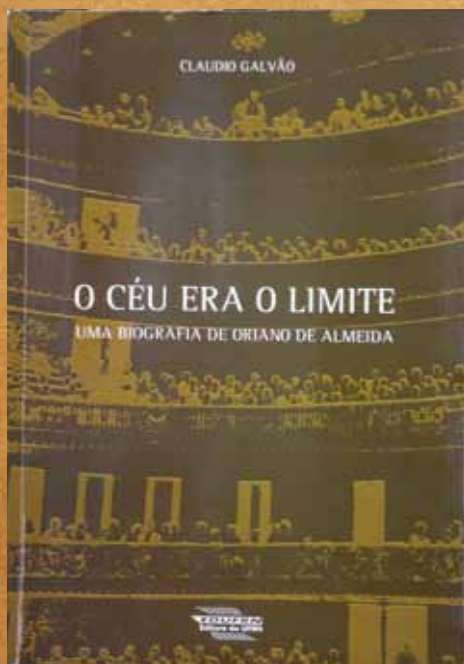
Oriano e a mulher Iris Bianchi, na estreia do "Duo Iris Bianchi - Oriano de Almeida", em 1954



Com a única filha, Lílian



Claudio Galvão exhibe um exemplar da biografia "O céu era o limite"



A capa do livro mostra a plateia que lotou o Teatro Municipal de São Paulo durante um recital em 1952

O porquê da biografia

Em todo o Brasil se esquece fácil e rapidamente os nomes das pessoas que mais o amaram, considera Cláudio Galvão. “Quem se lembra de Waldemar de Almeida, um dos potiguares que mais trabalharam pela cultura musical de Natal? Ainda bem que me lembrei dele e de Waldemar”, diz. O escritor visitava Oriano todas as quintas-feiras, no seu quarto de hotel, para anotar dados e conferir o que já fora escrito. “Pouco antes das 17h, o grande pianista que encantara enormes plateias parava o que estava fazendo e me dizia: “Agora vamos suspender porque está na hora do Tom e Jerry na televisão” – famosa série animada infantil da época que tratava da eterna rivalidade entre um gato (Tom) e um rato (Jerry).



CD em tributo ao célebre pianista

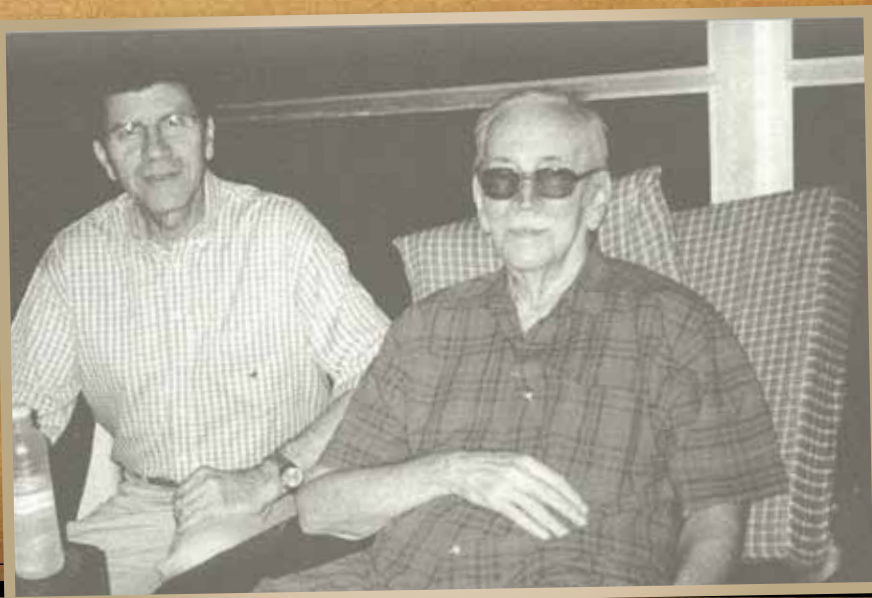
Grande amigo

A paixão pela música que fez nascer a amizade entre Oriano de Almeida e José Valdécio, aposentado de 70 anos que mora em Natal. Os dois se conheceram por meio de Janda Pinto, grande amiga de Oriano desde os tempos da adolescência. De acordo com o aposentado, os dois já se conheciam de vista antes, mas foi exatamente no dia do aniversário de Valdécio que a amizade começou de fato. “Foi meio inusitado. Estava comemorando meu aniversário com vários amigos em casa quando Janda chegou e disse que não poderia ficar porque Oriano tinha sido atropelado e estava no hospital. Deixei meus convidados e a acompanhei até lá. Ele estava no Walfredo Gurgel [hospital], um verdadeiro campo de batalha. Ali nos conhecemos e nos tornamos amigos”, conta. Valdécio acompanhou Janda, que não podia dirigir, várias vezes ao hospital para visitar Oriano, e assim a amizade entre os dois fortaleceu-se.

“Foram muitos anos de amizade. Conversávamos muito sobre música, adorávamos música clássica, principalmente Chopin. Aprendi muita coisa com ele, com sua experiência de vida de um músico famoso durante muito tempo e que depois se recolheu. Eu até dizia para ele que era muito es-

tranho, uma pessoa que sempre viveu na ribalta com muitos amigos viver tão só”, lembra, referindo-se aos últimos anos de vida e recolhimento do músico. O atropelamento acabou tirando de Oriano o prazer de tocar piano. Um dos seus braços ficou paralisado com o acidente, impedindo-o de praticar o instrumento. Mas, mesmo antes disso, ele já não tocava nem se apresentava mais em público. “Passou a vida no Rio, mas na velhice veio se recolher em Natal. Falava pouco, tinha um temperamento muito introspectivo, mas era uma pessoa extraordinária”, relata Valdécio.

Dono de um ouvido absoluto, do tipo que reconhecia qualquer nota de qualquer instrumento em qualquer altura, Oriano contou com a ajuda do amigo Valdécio para lhe levar ao médico várias vezes, inclusive para fazer fisioterapia. Tinha um marca-passo, o que também o obrigou a ir ao Recife (PE) algumas vezes tratar do coração, também na companhia do amigo. Não gostava de médico, apesar de, antes de se apaixonar pelo piano, ter pensado em ser um. “Costumávamos rir muito quando ele contava os casos de pianistas do Rio de Janeiro e de fora do Brasil. Toda semana eu o visitava no hotel”, recorda a José Valdécio.



Com o amigo
José Valdécio da
Silva

Paulo Octavio®

Seu nome está gravado nas placas dos mais luxuosos empreendimentos da capital do Brasil. Proprietário de um grupo que detém empresas nas áreas de construção, seguros e comunicação, Paulo Octávio é um dos homens mais ricos do Distrito Federal. Diz que FHC e Lula são dois gênios, não guarda mágoa de José Agripino e acredita que Aécio Neves presidirá o País. Já foi deputado federal, senador, vice-governador e governador relâmpago. Não descarta retornar à política. Esses e outros assuntos o empresário revelou em entrevista exclusiva a Bzzz

O DONO DE BRASÍLIA

Por Camila Pimentel de Brasília

Fotos: Divulgação e cedidas



COMEDIDO, ATENCIOSO E DE gestos discretos, assim é o bem sucedido empresário Paulo Octávio, 65 anos, proprietário de um dos maiores grupos empresariais do Brasil, que leva o seu nome, com faturamento anual superior a R\$ 1 bilhão. As Organizações Paulo Octávio são um conglomerado de empresas, sediado e fundado em Brasília, que conta com dez shopping centers, seis hotéis, quatro rádios, TV Brasília, afiliada à Rede TV!, além de vários imóveis de luxo espalhados por todo Distrito Federal. Em entrevista a BZZZ, o empresário, que é casado com a neta de Juscelino Kubitschek, Anna Cristina Kubitschek, contou que chegou à capital federal com os seus pais, Cléo Octávio, já falecido, e Wilma Pereira, no ano de 1962.

Sobre a decisão de morar em Brasília, disse que foi motivada pela aproximação do seu pai com o então presidente JK. “Tudo começou quando meu pai conheceu Juscelino Kubitschek, ainda em Minas (Gerais), durante sua campanha para a presidência da República. A partir da promessa de construção de Brasília, ele começou a colecionar todas as notícias relacionadas à construção da nova capital e veio para a inauguração, em 1960. Já veio com a intenção de instalar-se aqui em pouco tempo e, ao final de dois anos, providenciou a nossa mudança”. A infância foi na cidade onde nasceu, em Lavras, no sul de Minas. Ao chegar em Brasília, na pré-adolescência, ingressou no Centro de Ensino Médio Elefante Branco, primeira escola pública da capital. “Foi uma infância típica de menino do interior, com muitas brincadeiras nas ruas tranquilas. Confesso que vim um pouco con-

trariado e quando cheguei aqui estranhei o Eixão vazio, com poucos carros passando. Mas, aos poucos, fui me ambientando”, conta.

Empreendedor desde cedo, Paulo Octávio começou a trabalhar aos 15 anos, vendendo pecúlios para um amigo do seu pai. Depois, apostou no mercado de ações. Em 1975, inaugurou o que no futuro próspero seria o gigante grupo PaulOOctavio. Começou em uma sala no Edifício Mariana, já com diplomas de graduação em Economia, pela UnB, e Direito, pela Uniceub. “Eu trabalhava desde muito cedo

para poder ter minhas coisas e meus prazeres. Aos 25 anos, decidi criar uma empresa e gerar empregos. Uma empresa que desse corpo aos sonhos de casa própria, de vida feliz e tranquila para os meus clientes”, comenta.

Discorre que “no início o objetivo era comercializar imóveis, mas eu já pensava em iniciativas mais ousadas, como o planejamento de lançamentos mo-

dernos na cidade. Apesar da boa rede de relacionamento que fiz em minhas atividades profissionais anteriores, o começo teve toda a dificuldade possível, mas empreender estava nas minhas veias e soube superar as crises do País para poder chegar aos 40 anos de atividade da PaulOOctavio Investimentos Imobiliários”. Sobre a duplicidade do “o” maiúsculo que chama atenção na logomarca do grupo, o empreendedor explica que foi uma criação da agência Gabinete C para que o “l” e as duas letras O juntas se pareçam com um 100, com a finalidade de mostrar que sua empresa é garantia de negócio 100% honesto.

“

Eu trabalhava desde muito cedo para poder ter minhas coisas e meus prazeres”

Na intimidade

Paulo Octávio está no segundo casamento, com Anna Cristina Kubitschek, e é pai de quatro filhos: Paulo e Catharina, da primeira união, Felipe e André, da segunda. Conta que conheceu Anna Cristina na campanha empreendida pela sua avó Sarah Kubitschek, mulher de JK, para erguer o Memorial JK. “Intensificamos nossos contatos quando sua mãe, Márcia, era deputada federal e candidata a vice-governadora. A proximidade e a identificação com os ideais de defesa de Brasília nos aproximaram e acabamos nos casando, em 1990”.

No corre-corre do dia a dia, cuida-se com alimentação saudável. O empresário revela que suas refeições são moderadas, com preferência para carnes brancas, saladas e legumes. No lazer, quando está em família, gosta de programas culturais e esportivos.



Paulo Octávio com a mulher, Anna Cristina, e o arquiteto Ruy Ohtake



O empreendedor com os pais, a mulher e os filhos

Relações profissionais

Atualmente, Paulo Octávio se dedica integralmente ao setor empresarial, mas já atuou fortemente na seara política. Pelo Distrito Federal, foi deputado federal, por dois mandatos (1991 a 1995 -1999 a 2003), senador e vice-governador, quando chegou a assumir o governo por 12 dias, após a renúncia do então governador José Roberto Arruda, em 2010, acusado de suposto esquema de pagamento de propina, no chamado mensalão do DEM.

Afastado dos holofotes das editorias de política, o empresário, ao ser questionado sobre o seu futuro na política brasileira, limitou-se a dizer que “o futuro a Deus pertence”. Com a resposta imprecisa, não descarta, portanto, a possibilidade de retornar ao circuito



O empresário também fez carreira na política

político. Bem relacionado com a classe política do Brasil, Paulo Octávio já foi oposição e governista. Atualmente é filiado ao PP.

Presidentes e DEM

O empresário considera os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e Luís Inácio da Silva (PT) dois gênios da política. “Lula e Fernando Henrique são dois gênios, cada um da sua maneira. Convivi com ambos no Congresso e no governo do DF e posso garantir que são políticos e pessoas diferenciados”. Sobre Aécio Neves (PSDB), diz que têm perfil muito semelhante ao dos dois ex-presidentes, e acredita que um dia o tucano mineiro “chegará a realizar o sonho de família”. Ou seja, presidir o Brasil. Sobre José Agripino, presidente do DEM, partido ao qual era filiado quando do escândalo

“

Lula e Fernando Henrique são dois gênios, cada um da sua maneira”.

do governo do DF e foi pressionado pela cúpula para se desligar da legenda ou renunciar ao cargo, afirma que “foi um colega de Congresso e de partido do qual só tenho boas lembranças”. Garante que respeita a todos “independente do campo político em que estejam”.

Governo petista

Ao analisar a atual situação econômica do Brasil e o governo Dilma Rousseff, Paulo Octávio lembrou de gestões passadas. “Passei por governos militares e civis, eleitos ou indicados. Todos têm problemas, mas todos também têm seus méritos. O momento atual é, realmente, muito inseguro em termos econômicos, mas a política empreendida pela equipe econômica, que é muito séria e indepen-

dente, pode nos ajudar a superar a crise que se avizinha. O fato é que precisamos de uma fase de austeridade na gestão dos gastos públicos e de redução do endividamento oficial. Naturalmente haverá um certo aperto para população, empresariado e, especialmente, para o próprio governo. Mas, se seguirmos a receita, deveremos sair desta crise, que, aliás, sempre é uma boa oportunidade de negócios”, destaca.

“

Precisamos de uma fase de austeridade na gestão dos gastos públicos e de redução do endividamento oficial”

Otimismo

E foi além ao sugerir melhorias para a economia do País. Disse que é preciso planejar e defender o real. “Veja a nossa empresa, ela se solidificou em um mercado que enfrentou várias crises financeiras e de confiança por ter processos e planejamento em todas as suas empreitadas”. Para o empresário, é possível conseguir vencer em um país que já teve inflação, hiperinflação, deflação, estabilidade e diversas divisas sem isso. “Encaramos o país dos militares, a inflação de 80% ao mês, o cruzeiro, o cruzado, o cruzado novo, o cruzeiro, o cruzeiro novo e o real com a mesma confiança. Nosso cliente sabe que a solidez da Paulo Octavio vem de sua capacidade de alavancagem e do planejamento. A receita para o governo é semelhante: enxugar e dar mais eficiência à máquina pública e permitir que o empreendedor tenha chances de proporcionar que a econo-

mia gire, o que não ocorre neste momento”, alerta.

Sobre os investimentos do grupo Paulo Octavio, disse que são números compatíveis com uma organização que atua nos setores imobiliário,

“

Já entregamos mais de 50 mil imóveis e empregamos cinco mil pessoas”.

da construção civil, de concessionárias, seguros, shopping centers e de tele-rádio-difusão. “Com 40 anos de atuação, nós conquistamos seis prêmios Master Imobiliário, o oscar da construção civil; temos 16 troféus Top of Mind como construtora e como concessionária Fiat, e outros nove como shopping, com o Taguatinga Shopping. Já entregamos mais de 50 mil imóveis e empregamos cinco mil pessoas. São números que mostram como são nossos investimentos”. Após a inauguração do edifício que chegou à soma de 700, no aniversário de Brasília, em 21 de abril, o objetivo agora é alcançar mil obras no Distrito Federal.



Edifício PO 700, número que marca a última construção do grupo PaulOOctavio



Paulo Octávio e Ruy Ohtake, arquiteto e urbanista

Empreendimentos e freio

De planos para o futuro no setor empresarial, indicou que vai ter novidades, principalmente no segmento de shopping e construção civil. Contudo, avisou que é preciso ter calma até a situação econômica normalizar-se, especialmente depois do que ele considera estagnação dos últimos quatro anos. “Vamos ver como se comporta o governo Rodrigo Rollemberg (atual governador do DF) e a situação do País, para depois anunciarmos, com calma, o que virá”, finalizou.



LEÃO INACABADO

A nova sede da Receita Federal em Natal foi idealizada em 2001 e desde então entraves burocráticos emperram a construção, que vai completar 15 anos sem sair da base estrutural. O projeto inicial orçado em R\$ 27 milhões dobrou de valor para se readequar ao avanço das novas realidades e a retomada da obra só deve acontecer em 2016

Por Roberto Campello

Fotos: Sueli Nomizo e Andrea Luiza Tavares



É NOTÓRIA – e temida – a avidez do Leão da Receita Federal de cobrar impostos, em especial a Declaração Anual de Imposto de Renda, o IR. Tal voracidade, no entanto, não é a mesma quando o assunto é agilidade nos seus projetos. Tipo de santo de casa não faz milagre, em casa de ferreiro o espeto é de pau. Um exemplo é a obra de construção da nova sede da Delegacia Regional da Receita Federal (DRRF) em Natal, que se arrasta há quase quinze anos. Insaciável por arrecadar dos contribuintes, a Delegacia da Receita não conseguiu vencer as dificuldades dos trâmites burocráticos para finalizar o projeto. Sequer sair da base.

Quem trafega diariamente pela Avenida Prudente de Moraes, nas proximidades da Lagoa Manoel Felipe (Cidade da Criança), não imagina que por trás dos muros maltratados existe um terreno – aparentemente – abandonado. Lugar onde hoje deveria funcionar a moderna sede da Receita Federal. Pouca coisa foi feita, como muro de arrimo, parte das fundações e terraplenagem, em meio a uma montanha de areia e o mato que cresce no local. Em 2008, a obra estava orçada em R\$ 27 milhões. Hoje, deve ultrapassar a marca dos R\$ 50 milhões, quase o dobro do valor inicial.



Maquete da nova sede da Receita Federal



No terreno, jazem os pilares da construção abandonada

“Quem passa por lá pensa que está parado, mas não está. O processo de licitação é muito complexo. Na prática, aqui na Delegacia estamos sempre em movimento para que a construção retome o quanto antes. Mas sofremos bastante com o processo burocrático, principalmente com as licitações para contratação das empresas. As paralisações não foram ocasionadas nem pela empresa, tampouco pela Receita Federal, mas pela burocracia. Nosso maior prejuízo foi o tempo perdido”, explica o delegado da Receita Federal em Natal, Aurélio Albuquerque.

Em 2001, nasceu o sonho de construir uma nova sede para a DRRF em Natal. O imóvel histórico onde ainda funciona a sede, na

Avenida Esplanada Silva Jardim, no bairro da Ribeira, já não comportava à época, tampouco agora. Naquele mesmo ano, a Receita Federal solicitou à Defensoria Pública da União (DPU) a doação do terreno localizado no cruzamento das avenidas Prudente de Moraes e Governador Juvenal Lamartine, no Tirol. Em maio de 2002, iniciava-se a construção do projeto básico.

Um ano e meio depois, apenas em dezembro de 2003, as empresas Gepê Engenharia e Tempo Empreendimento foram contratadas para realizar o trabalho geotécnico e topográfico do terreno. Em junho do ano seguinte, iniciou-se o processo licitatório para contratação da empresa para elaboração do projeto

básico – que resultou na contratação da Archi5 –, cujo desenvolvimento do projeto foi acompanhado pela Coordenação Geral de Programação e Logística (Copol), da RF.

Foram cerca de quatro anos para que a empresa entregasse o projeto básico, que foi aprovado pela Copol. Três meses depois, em junho de 2008, sete anos depois do surgimento da ideia de uma sede própria, iniciou-se o processo licitatório para execução da obra. Em dezembro daquele ano, a DRRF assinou contrato com a empresa Engafort Construtora Ltda. para tocar a obra e elaborar o Projeto Executivo. No mesmo mês, foi assinado um termo de cooperação entre a Secretaria da Receita Federal e o Exército Brasileiro, para

que este ficasse responsável pela fiscalização da obra. “Nós não temos uma equipe própria de engenharia, por isso a necessidade de contratar outra empresa para assessorar a Receita na fiscalização da obra. Primeiramente fizemos esse convênio com o Exército para nos auxiliar na fiscalização. Pagamos a empresa de acordo com a fiscalização feita pelo Exército. Só pagamos o que realmente foi feito”, afirma o delegado Aurélio Albuquerque.

Quando tudo parecia que caminharia tranquilamente, eis que surge mais uma pedra no meio do caminho. As mudanças no Plano Diretor de Natal, em março de 2010, forçaram uma alteração no projeto inicial no tocante à quantidade de vagas para estacionamento, passando de 150 para 380. “Com a mudança do Plano Diretor, tivemos que mudar o projeto, aumentando as vagas de estacionamento. Foi uma mudança natural. Não tinha condições de licitar com o mesmo proje-



Aurélio Albuquerque, delegado da Receita Federal em Natal

to básico completo. Foi necessário fazer algumas alterações no projeto para nos adequarmos ao novo plano diretor de Natal, e esse foi mais um atraso”, explica o delegado.

Em maio de 2011, mais um obstáculo. Chegou ao fim a validade do Termo de Cooperação com o Exército Brasileiro. “O Exército não quis renovar e tivemos que paralisar as obras até que contratássemos uma

empresa para fiscalizar a obra”, relata Albuquerque. Deu-se início, então, aos procedimentos para contratação de empresa para prestação de serviço de assessoria técnica para fiscalizar a obra. Processo que durou mais de um ano e a obra reiniciada parou mais uma vez. Em outubro de 2012, a empresa Lumiar Engenharia e Construções Ltda. foi contratada para prestar serviços técnicos especializados.

Logo em seguida a obra foi retomada, mas paralisada novamente, em março de 2013, porque o contrato com a Engefort foi rescindido e não pôde ser renovado pelo fato de a empresa não apresentar a Certidão Negativa de Débitos Trabalhistas e apresentar irregularidades com a Justiça do Trabalho. Em fevereiro de 2014, a Receita Federal rescindiu o contrato com a Lumiar, por decorrência da rescisão com a Engefort. Sem a empresa para executar a obra, não havia a necessidade de fiscalização.



Segundo o delegado da Receita, a obra não está parada

Durante todo esse processo, o projeto original, elaborado há mais de dez anos, já estava desatualizado. Em março do ano passado foi dado início à licitação para readequação do projeto básico completo. Ou seja, o processo original foi a quase à estaca zero. “Nesse processo, muita coisa mudou de 2005 para cá, em termos de normas da ABNT, normas de engenharia, de arquitetura, de urbanismo. Naquela época só se falava de rede via cabo, wi-fi nem existia. Não se falava tanto de sustentabilidade e hoje nossa preocupação é que tenhamos um prédio que não gaste tanta energia, que utilize mais a energia natural, por exemplo”, destaca o delegado da RF.

Em fevereiro deste ano de 2015, a DRRF contratou a empresa Premier Construtora, Planejamento e Gerenciamento em Engenharia Ltda. para revisão e



O orçamento da obra ultrapassa os R\$ 50 milhões

adequação do projeto básico completo da obra remanescente. “Tivemos que contratar essa empresa para verificar todo o nosso projeto original. Todo o trabalho que já foi feito até o momento não foi perdido”, garante Albuquerque.

“
Todos irão ganhar com a nova sede, tanto os servidores quanto os natalenses”

Aurélio Albuquerque
Delegado da RF

A empresa tem sete meses – até o final de setembro – para revisar os projetos e mais três meses para auxiliar a Receita Federal na elaboração do edital de contratação da empresa para executar o restante da obra. Todas as licenças ambientais estão vencidas, mas a empresa que revisará os projetos está encarregada de renovar as licenças necessárias. Vencida essa etapa, será lançado o edital para contratação da empresa. Depois, serão, pelo menos, três anos para que o sonho de 2001 seja realizado.

“Vai ser muito bom para a sociedade porque poderemos oferecer um serviço de qualidade, concentrado no mesmo ambiente, que hoje é dividido. Todos irão ganhar com a nova sede, tanto os servidores quanto os natalenses”, assegura o delegado-geral.



Futuro incerto

Atualmente, a Delegacia da Receita Federal em Natal funciona em dois prédios. Um é a sede, em um prédio histórico e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); o outro em um prédio alugado desde o final da década de 1990, localizado na Avenida Duque de Caxias, também na Ribeira, com aluguel mensal de aproximadamente R\$ 26 mil.

“O prédio tem cerca de um século, antigamente conseguia atender a cidade, mas Natal cresceu, a sociedade e a economia também. É um prédio tombado, que precisa de grandes reformas. Não cabe tudo aqui”, afirma o delegado, que acrescentou, “com a nova sede teremos melhor condição de prestar o serviço que a sociedade precisa”.

Além dos problemas de espaço insuficiente, o prédio tombado tem algumas limitações e para qualquer reforma ou obra, mínima que seja, é necessária a autorização do Iphan. Sobre o futuro do prédio centenário, o delegado Aurélio Albuquerque disse que ainda não foi definido se será devolvido ao Patrimônio da União ou se ficará com os profissionais da Aduana, responsáveis pela fiscalização do comércio exterior.



Prédio tombado como patrimônio histórico precisa de reformas



Imóvel alugado na Ribeira não atende a demanda atual do órgão

Um lugar chamado **Paraty**

Entre casarios e ruas típicas do Brasil Colônia, cidade do Rio de Janeiro promove uma viagem no tempo e bons momentos de lazer em suas praias exuberantes

Por Octávio Santiago





O calçamento pé-de-moleque: herança dos tempos em que a cidade era rota para escoamento do ouro

PARATY É UM LUGAR para não esquecer. Principalmente para quem gosta de história e de praia e da combinação entre elas. Não é preciso ser um especialista para conhecer o lugar. Basta senso de observação e curiosidade, pois detalhes da história do Brasil estão a cada esquina. E se o sol esquentar, sobram barcos coloridos atracados no cais e prontos para levar o visitante a praias singulares. Como se não bastassem tantos atrativos, a gastronomia local, diante dessa riqueza visual, não quis ficar para trás.

A minha viagem no tem-

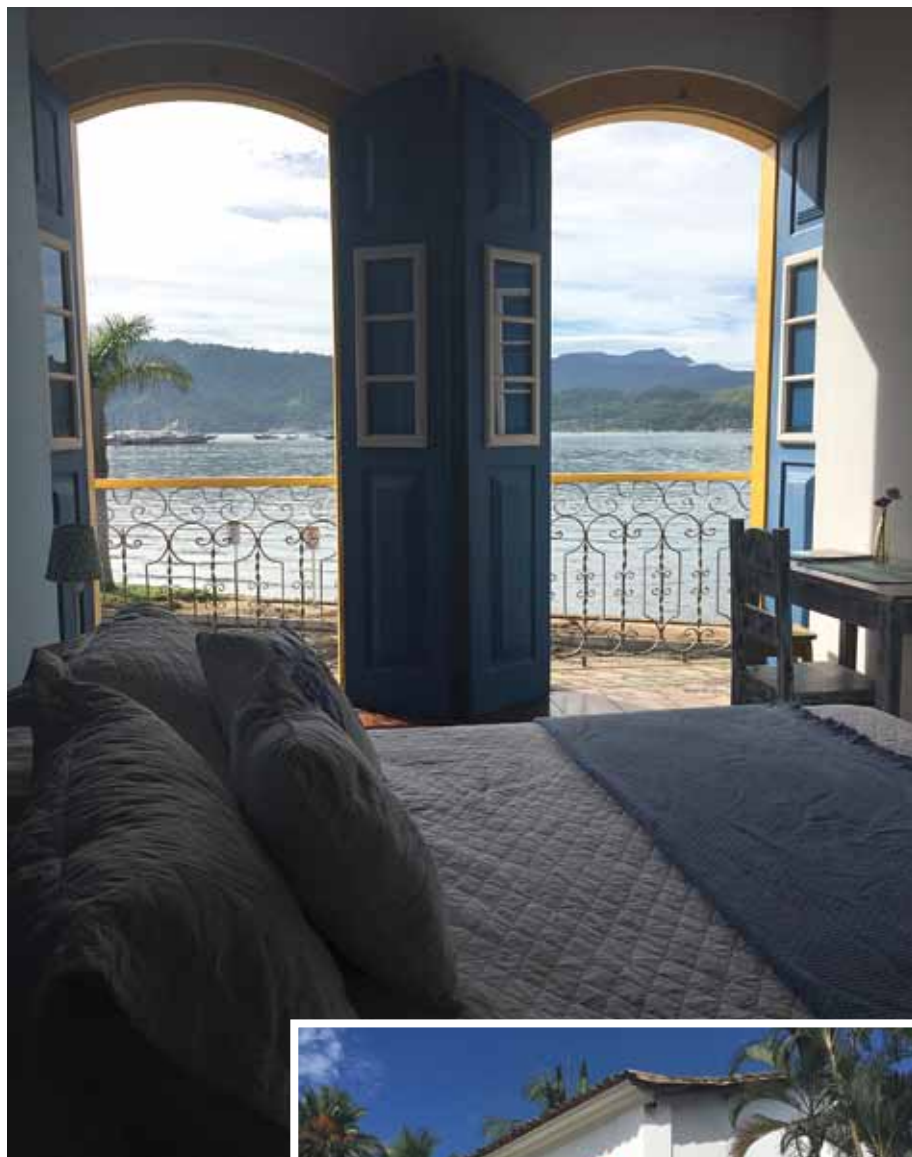
po começou no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, o Galeão. Lá, nas primeiras horas manhã, retirei o carro alugado na Movida (R\$ 120 a diária, com quilometragem livre) e iniciei o trajeto com destino à cidade que foi sede do mais importante porto exportador de ouro do Brasil Colônia. São 258 quilômetros a partir da capital fluminense, pela estrada Rio-Santos (BR-101), pontuados por paisagens vistosas e a também turística Angra dos Reis.

O centro histórico parece ter acabado de sair de um livro

do Ensino Médio. Os casarios brancos com portas e janelas coloridas, muitas com eiras e beiras, que remetem ao passado áureo, e as pedras do calçamento pé-de-moleque dão as boas vindas. Igrejas católicas do mesmo período, como a Matriz e a de Santa Rita, completam o cenário convidativo para uma imersão na história do Brasil. Por estar localizada quase ao nível do mar, a cidade foi projetada levando em conta o fluxo das marés. Como resultado, muitas de suas ruas são periodicamente banhadas pelas águas do mar.

Em várias dessas casas há pousadas intimistas aptas a oferecer uma acomodação diferenciada, entre resquícios coloniais. Uma delas e a optada por mim foi a Pousada do Cais (R\$ 230 a diária). Como o próprio nome indica, o lugar está situado na beira do cais da cidade e os pequenos barcos lá atracados ajudam a compor uma paisagem instigante, vista através das grandes janelas dos seus quartos. O café da manhã é razoável, mas a própria fachada antiga da pousada, com detalhes amarelos e azuis, e a sua localização estratégica são argumentos extras para escolhê-la.

Passeios diurnos e noturnos pelo centro histórico fazem parte da programação em Paraty. Cada casario revela através da porta entreaberta ou da frecha de uma janela, ateliês, galerias de arte, livrarias, lojas de artesanato e até cachaçarias. Restaurantes e bares também guardados sob telhados coloniais. No Margarida Café, as massas caseiras (R\$ 50 o prato individual) são harmonizadas com um sambinha ao vivo. Já as pizzas do Gina (o tamanho médio sai por R\$ 50) são servidas em mesas instaladas na rua. Proposta igualmente presente no Refúgio, para o último drink da noite (R\$ 20).



Das janelas dos quartos frontais da Pousada do Cais, uma vista instigante do mar fluminense





Algumas das receitas mais marcantes de Paraty, no entanto, estão guardadas no Bartholomeu. Em funcionamento há dez anos, o restaurante ganhou personalidade em sua cozinha quando o premiado chef Alexandre Righetti assumiu a direção do lugar. No cardápio, influências francesas e tailandesas, além de um acento nos ingredientes locais. Os camarões empanados com mandioquinha e servidos com salada de shitake (R\$ 36), o risoto de picadinho de carne com gorgonzola (R\$ 52) e o petit gateau de goiabada com sorvete de queijo (R\$ 24) formam um menu completo e muito saboroso. Tudo servido em pratos exclusivos importados da Serra da Capivara, no Piauí, tornando o restaurante ainda mais interessante.



No Bartholomeu, a gastronomia é tão rica quanto o patrimônio histórico local



Camarões empanados com mandioquinha, servidos com salada de shitake



De barco, o visitante ainda tem a chance de desbravar as praias únicas que avizinham a cidade

Hora do recreio

É bem verdade que o centro histórico e as aulas que o lugar oferece rua a rua já justificam a viagem a Paraty. Porém, a região tem belíssimas praias e é salpicada por ilhas em toda a sua extensão. No cais da cidade, há duas opções para explorar esses paraísos: as escunas, com passeios regulares de cinco horas (R\$ 70 por pessoa); e os barcos pequenos, que cobram por hora de passeio (R\$ 50 em média). A escolha depende do tempo que o turista tem no local e do quanto ele está disposto a gastar.

Como eu não tinha muitas horas disponíveis, elegi a segunda opção. A bordo do El Tigre e con-

duzido pelo nativo Benedito iniciei o trajeto rumo às praias que avizinham a cidade histórica. Uma das paradas dar-se na Praia Vermelha, com as suas águas verdes esmeraldas e a sua vegetação selvagem, cúmplices de um banho relaxante e velhas testemunhas do ir e vir do ouro séculos atrás. Na Ilha da Pescaria, o mergulho ideal para quem gosta de ver corais e cardumes e esquecer-se do mundo em terra firme. As praias da Lula e do Engenho, a Lagoa Azul, o Saco da Velha e a Ilha do Algodão também fazem parte do roteiro.

No retorno a Paraty, a chance de ver a cidade do ângulo pelo

qual ela se tornou conhecida. Lá no horizonte estão os casarios e as igrejas coloniais rente ao mar, os barcos coloridos atracados no cais e o emoldurado da serra verde ganhando o branco da neblina e deixando o lugar ainda mais pitoresco. É na serra que o turista se depara com outra paisagem não menos bonita, com várias opções de trilhas, como a do antigo “Caminho do Ouro” e cachoeiras surpreendentes. Uma espécie de cereja do bolo do local que é Patrimônio Cultural da Humanidade e que fica guardado no hall das boas lembranças de quem o conhece como um bem muito precioso.



Portas e janelas coloridas sobre paredes brancas compõem o cenário característico do lugar

Foto: Divulgação



Bali

E AS GILIS DA INDONÉSIA

O promotor de Justiça Manoel Onofre Neto é um viajante inveterado. Suas férias têm sempre um destino no mundo e ultimamente prefere os lugares mais incomuns, longe das badalações turísticas mais costumeiras. Aproveita das belezas naturais e gastronomia às mínimas curiosidades culturais. A pedido da Bzzz, ele relatou sobre sua última e instigante viagem



Por Manoel Onofre Neto
Fotos: Arquivo pessoal

OS RELATOS DE VIAGENS costumam ser declarações de amor pelos lugares visitados, primordialmente porque a escolha dos destinos pressupõe algum conhecimento prévio conseguido por meio de pesquisas, leituras e dicas de amigos que geram, via de regra, expectativas a serem cumpridas. Mas elas nem sempre se realizam. Surpresas acontecem e precisam ser bem, digamos, digeridas. O investimento feito em uma viagem, não apenas o financeiro, deve ser aproveitado em todos os sentidos. Pois bem, minha experiência em Bali foi um tanto quanto conturbada, mas uma pérola chamada Gili Trawagan estava logo ali ao lado, na vastidão do Pacífico, com todo o seu despretensioso esplendor.

Começemos o relato por Bali. Não posso afirmar que Bali é um destino menos nobre. Uma das ilhas mais visitadas do mundo, com uma estrutura hoteleira e riqueza cultural festejadas, além de exuberante natureza, claro que tem seus encantos. Principalmente os culturais. A Indonésia, país onde Bali se situa, é um arquipélago com mais de 17.000 ilhas. Bali é a única em que seus habitantes professam o hinduísmo. Ali as tradições e ritos mulçumanos não predominam. Isso seguramente contribuiu para uma certa abertura, permitindo intenso fluxo turístico, que gerou considerável caos arquitetônico e poluição visual, ademais de tumulto no trânsito e nas suas estreitas ruelas. Alugar e dirigir um carro ou uma motocicleta nos atropelados caminhos da ilha é façanha para poucos. A situação é tão agravada que limita consideravelmente o deslocamento, fazendo com que um percurso de 70 km (norte/sul da ilha, que tem 150km leste/oeste) leve mais de 3h30. Ainda bem que contratar um taxista para passar o dia perambulando é algo relativamente em conta por lá. Sai por volta de U\$ 50.

Os componentes culturais e religiosos são verdadeiramente os de maior interesse em Bali. Conhecer determinados aspectos permite compreender melhor algumas complexas situações típicas do lugar. Misticismo e credences qualificam a fé hindu ali professada. Os balineses acreditam que sua generosa natureza é habitada por diversos e exigentes deuses e pelos espíritos dos seus ancestrais. Para eles a terra é uma enorme bola que repousa em cima de uma imensa tartaruga, conhecida por Gedawang. Nas patas da tartaruga há duas grandes serpentes protetoras, as Nâgas. Em determinadas situações, quando



Pedestres disputam espaço nas ruas de Bali



Natureza e misticismo ornam as belas paisagens de Bali



O Pura Besakih, conhecido como Templo-Mãe



Os surfistas são reverenciados pelos habitantes, por enfrentarem a fúria do mar



Traços religiosos, templo em Ubud

“tudo dá errado”, Gedawang desperta e se movimenta, provocando fortes abalos sísmicos. Acima da terra, no pico do vulcão Agung, habitam os deuses e os ancestrais. Os humanos ficam na parte intermediária, convivendo, ocasionalmente, com os demônios. Há templos por todos os lados, inclusive nas casas e, diariamente, cerimônias e oferendas são realizadas não apenas aos deuses e antepassados, como também aos demônios, que precisam ser recorrentemente “acalmados”.

Quatro templos se destacam e merecem detidas visitas. O Pura Besakih, ou templo-mãe, na verdade um complexo com 22 templos que fica próximo ao vulcão sagrado; o Pura Tanah Lot, situado numa ilha na costa oeste; o Pura Ulun Danu Batur, vizinho ao lago Batur, e o Pura Luhur Uluwatu, na Península de Bukit.

Os arrozais são uma atração à parte. Verdejantes terraços compõem uma das paisagens mais belas da ilha. Em Jatiluwih eles ostentam o título de patrimônio da humanidade, conferido pela Unesco.

Há considerável diversidade de praias em Bali, mas predominam as de areia escura e água pouco cristalina. Praias afamadas internacionalmente como Kuta, Legian, Padang Padang (onde há concentração de brasileiros), Jimbaran e Seminyak fazem a alegria de turistas e surfistas, estes muito respeitados pelos Balineses, pois se atrevem e enfrentam o mar, de onde eles creem surgirem as epidemias e acontecimentos ruins. Hospedar-se em algum dos resorts de Seminyak, como o maravilhoso W Retreat & Spa, apesar de a praia não ter lá seus encantos, é uma boa alternativa, pois há considerável número de bons restaurantes, bares e baladas no entorno.



Na foto, as belezas do Haging Gardens em Ubud



As construções humanas complementam a paisagem

Denpasar, a Capital, é a expressão maior do tumulto. Ubud, por sua vez, se apresenta como a capital cultural e, verdadeiramente, ostenta uma atmosfera diferenciada. Repleta de lojinhas descoladas, charmosos cafés, galerias, museus e excelentes restaurantes, com destaque ao Mosaic, Ubud é uma ilha de astralidades no interior da ilha. Há também respeitados centros de meditação e escolas de ioga. A rede hoteleira é espetacular, merecendo registro o Kupu Kupu Barong Villas, com spa by L'Occitane. Ou seja, a estada em Bali pode ser dividida entre uns dias à beira-mar, possivelmente em Seminyak, e outros no interior, em Ubud. Dessa forma pode-se aproveitar o que a ilha tem de melhor a oferecer.

De visita obrigatória, a poucos quilômetros da costa balinesa estão as pequenas Ilhas Gili (Gili Trawangan, Gili Meno e Gili Air), mais próximas a Lombok, outra grande ilha do arquipélago indonésio. Gili Trawangan é a mais descolada e festeira. Gili T (para os íntimos e iniciados) é a Ibiza do Pacífico. Repleta de turistas australianos, alemães e holandeses, não permite nenhum tipo de veículo motorizado. Deslocamentos só em bicicletas e cidomo (pequena carroça puxada por um burrinho). Além das noites nos pubs e discos, excelentes resorts e concorridos restaurantes. Os arrecifes e a rica diversidade marinha proporcionam mergulhos encantadores. O pôr-do-sol é extasiante. As Gilis despontam como uma experiência enormemente agradável, alternativa ao tumulto e a desordem de Bali, já castigada pela corrupção e pela selvagem exploração turística há anos empreendida. Vida longa às Gilis. Bons fluidos a Bali.



Praia de Seminyak concentra os melhores restaurantes, bares e baladas da região



Em Jatiluwih, os arrozais são patrimônio da humanidade, conferido pela Unesco



Pôr-do-sol em Gili Trawangan

OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



AO FAROL

Sua utilidade ao longo dos anos foi reduzida, mas a graça da sua presença só aumentou com o passar do tempo. Faróis são sempre cartões postais e verdadeiros “romantizadores” de paisagens. No Rio Grande do Norte, três deles continuam alertando embarcações, porém, o que fazem de melhor mesmo é deixar as paisagens ao longo do litoral potiguar ainda mais singulares.

Apesar de urbano e, por isso mesmo, menos pitoresco, o Farol de Mãe Luiza, em Natal, impressiona pela sua localização sobre as dunas. As visitas ao topo acontecem nos finais de semana.



Em Galinhos, a 140 quilômetros de Natal, o submerso Farol de Galinhos indica a altura da maré e faz companhia aos visitantes que se entregam a um mergulho na praia semi-deserta.



Já no município de Touros, distante 96 quilômetros da capital potiguar, o Farol do Calcanhar está localizado na “esquina do continente” e é simplesmente o maior do Brasil, com 62 metros de altura.



De mudança

A placa “vende-se” em frente ao Oustau Bistrot, na praia de Pitangui, indica que os próximos verões no litoral ao norte de Natal vão ser menos saborosos. Por outro lado, também significa que a chef Mila e as suas receitas surpreendentes vão fixar endereço na capital, agregando valor à gastronomia da cidade.

Final feliz

Ao publicar a indecisão interna sobre onde instalar um hub no Nordeste, a companhia aérea TAM, de forma clara, quis estimular a competição entre as capitais Natal, Recife (Pernambuco) e Fortaleza (Ceará), a partir da oferta de condições atrativas. Se confirmado no Rio Grande do Norte, o fato vai finalmente justificar o novo aeroporto potiguar, de São Gonçalo do Amarante.

À mineira

Natal vai ganhar mais um voo direto a partir do dia 4 de julho. Dessa vez, entre a capital potiguar e Belo Horizonte (Minas Gerais), operado pela companhia aérea Azul. Esse já é o terceiro voo conquistado pelo Rio Grande do Norte depois da desoneração do ICMS no querosene de aviação, decretado pelo Governo do Estado. Os voos diretos para Campinas (São Paulo) e Buenos Aires (Argentina), já estão em operação.

A bordo

A travessia do Atlântico já não é mais tão penosa assim. A partir de Recife (Pernambuco), duas vezes ao ano, um luxuoso navio da Pullmantur cruza o Oceano rumo à Europa. A viagem dura 11 dias e conta com paradas em Cabo Verde (África) e nas ilhas de Funchal (Portugal) e Tenerife (Espanha), antes de atracar em Lisboa, a capital portuguesa e seu destino final.



No topo

O site TripAdvisor acaba de anunciar os vencedores da terceira edição do prêmio Traveler’s Choice Ilhas. O arquipélago de Fernando de Noronha (Pernambuco) ficou em terceiro lugar no ranking, estreando um destino brasileiro na lista. As ilhas Providenciales (Caribe) levaram a melhor na disputa.

BRINDES EM BRASÍLIA

Fotos: Paulo Lima e Rose Brasil

Toda jornalista badalada nas altas rodas da capital do poder, Marisa Junqueira festejou grito de felicidade em almoço no Salão Branco do Clube do Exército, com catering de Márcia Pimentel, que assinou também a mesa de doces e bolos. Laiana Dias deu o toque de charme e perfume com flores tropicais e girassóis. Nos brindes, prosecco, fraise, spritz.



Marisa, Ronaldo e Victória Junqueira



Marly Galego, Vera Coimbra, Lenir Fonseca



Márcia Lima,
Benigna Venâncio



Amador Outorelo,
Carmen Bocorny



Kátia Kouzak, Marilu Ribeiro



Lucinha Itapary, Maria Helena Prill e
Marlene Galeazzi



Gislene Borges, Odette Trotta,
Ana Rosa Sabóia



Audrey Brants, Rosany Ribeiro,
Ana Mariah Di Giacomet



Palmerinda Donato,
Irene Maia,
Nazareth Tunholi



Cleucy Oliveira,
Vânia Carvalho



Wellington Fernandes

Arquiteto

Email: wfarquitetura@yahoo.com.br

A construtora Moura Dubeux estreia no segmento de empresariais na capital potiguar com o imponente International Trade Center (ITC), empreendimento corporativo localizado na mais importante avenida de Natal, com fachada em pele de vidro, segurança, praticidade e sofisticação

SOFISTICAÇÃO CORPORATIVA



OS ESPAÇOS URBANOS ESTÃO cada vez mais ocupados para atender a demanda do mercado de executivos e serviços. Uma saída inteligente para não perder tempo diante da dificuldade de locomoção, com o máximo de aproveitamento dos espaços que ainda nos restam nas áreas mais adensadas, são os edifícios comerciais, seguindo à risca modernidade e praticidade, localizados em pontos centrais e nobres.

Assim surgem por todo o País as torres de comércio e serviços, que, com alta tecnologia de matérias, tornam-se espaços de grande valor estético. A segurança é outro ponto imprescindível. Em Natal, o mais novo exemplo desse potencial arquitetônico é o International Trade Center (ITC), empreendimento que marca a entrada da construtora pernambucana Moura Dubeux no segmento de empresariais na capital potiguar, ampliando o know how que possui no nicho corporativo em outros estados do Nordeste.

O projeto foi pensado para reunir beleza, conforto, segurança e, acima de tudo, o uso de materiais tecnologicamente e ecologicamente corretos, presentes em toda estrutura do prédio. A expressiva da fachada em pele de vidro chama a atenção de quem passa pela Avenida Salgado Filho, a principal da cidade, onde foi construído o ITC. Vidro de alta tecnologia, refletivo, com baixa incidência de calor, luz e ruído, que proporciona sensação

interna de uma excelente continuidade espacial, dando maior visibilidade para a paisagem. Na entrada, disponibilidade de embarque e desembarque, recepção aos convidados e o diálogo com a via, eixo de negócios da região.

O prédio conta com um item fundamental em espaços comerciais modernos: a infraestrutura para piso elevado nas salas e nas circulações. “Trata-se de uma tecnologia que permite grande mobilidade do layout, ocasionado pela maior flexibilidade com as instalações, dispensando reforma para as adaptações”, explica Marcílio Coutinho, da Pontual Arquitetos. A ambientação das áreas comuns é outro capricho à parte, com assinatura de Eduarda Farias.

São 200 vagas de estacionamento rotativo e sistema de segurança conectado à sala de monitoramento. Sete elevadores com sistema inteligente, sendo dois exclusivos para garagem, interligam aos demais pavimentos. A diversidade de acomodações atende empresas de diferentes perfis, com opções de andar corporativo de 321m² e salas com tamanhos que variam de 32 a 74m². No térreo, espaço para comércio ou serviço e, no mesmo andar, auditório para eventos, com capacidade de 80 pessoas, ambientado e mobiliado para uso imediato, com tratamento acústico. Foi pensado para permitir opções de modulação para comportar até três salas de reunião.



Lobby imponente



Hall de entrada



Auditório modulável para 3 salas de reunião, com tratamento acústico



Foyer para eventos

BACO

Fotos: João Neto

Uma noite com degustação de mais de 50 rótulos de vinhos varietais e blends de Malbec. Assim foi o Natal Malbec Wine Day, no terraço da Oficina Interiores, com participação das maiores lojas de vinho da cidade, que colocaram à disposição para apreciação e venda. A capital potiguar e mais 64 cidades de 50 países do mundo brindaram a cepa insigne da Argentina.



Organizadores da noite, Elmano Marques e Gustavo Rocha recebem Ivis Giorgio



Cristine e Sérgio Gaspar



Debora Dias e Garibalde Freitas



André Castro, Marco Bruno, Roberto Duarte



Val e Ilton Miranda Júnior



José Ivan, Afrânio Marinelli



Marcelo Rocha, Geraldo Margela, João Batista



Gioconda e Marcos Leão



Neto Macedo, Sheyla e Júnior Taixo



Donas da Oficina, Erika Raposo e Clarissa Alves recebem Janaina Targino



Daliane e Valério Sousa



Marcelo Melo, Flávio Pontes



Rodrigo Santos, Ligia Revoredo

TRABALHO E DETERMINAÇÃO PARA CONVIVER COM A SECA.

As consequências da seca são sentidas em diversos municípios, e a falta d'água é a principal delas. Esse é um problema que precisa ser enfrentado com determinação. E é isto que o Governo do RN está fazendo, realizando ações emergenciais que vão garantir água para a população.



O GOVERNO RETOMOU AS OBRAS DA BARRAGEM DE OITICICA, COM CAPACIDADE PARA 556 MILHÕES DE METROS CÚBICOS DE ÁGUA, QUE BENEFICIARÁ DIRETAMENTE 17 MUNICÍPIOS DO SERIDÓ.



ÁGUA. ECONOMIZAR É FUNDAMENTAL.

A participação de todos é fundamental para garantir essa fonte de vida. Economize. A água é um bem precioso, use apenas o necessário e denuncie desperdícios.



DIVERSOS POÇOS ESTÃO SENDO EQUIPADOS NAS CIDADES QUE ENFRENTAM DIFICULDADES COM A ESTIAGEM.



CARROS-PIPA SÃO FORNECIDOS DIARIAMENTE PARA ASSEGURAR ÁGUA PARA QUEM PRECISA.



EVITE TOMAR BANHOS LONGOS



CONSERTE VAZAMENTOS, POR MENORES QUE SEJAM



ESCOVE OS DENTES COM A TORNEIRA DESLIGADA



USE BALDE PARA LAVAR O CARRO



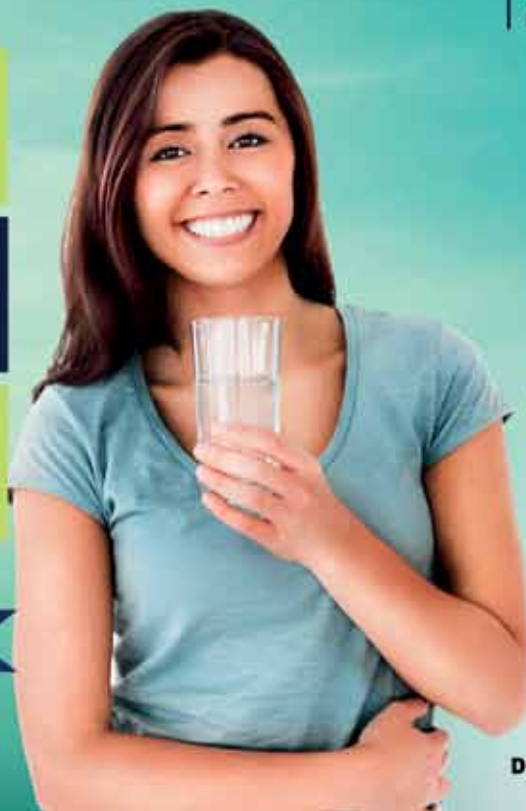
LIMPE A CALÇADA COM VASSOURA E BALDE



FECHE A TORNEIRA AO LAVAR A LOUÇA

UM POR TODOS E TODOS PELA ÁGUA.

DENUNCIE DESPÉRDICIOS
LIGUE 115




caern
COMPANHIA DE ÁGUAS E ESGOTOS DO RIO GRANDE DO NORTE



GOVERNO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO NORTE



A vez das gordinhas

Segundo o Ministério da Saúde, mais da metade dos brasileiros estão acima do peso. Não é de hoje que o Brasil deixou de ser magro, há muito tempo as pesquisas vêm apontando para essa realidade, mas parece que só agora a indústria da moda entende que a tendência do mercado mudou

Por Larissa Soares



AS GORDINHAS JÁ NÃO ficam mais escondidas atrás de blusões pretos, nem gastam o seu dinheiro exclusivamente em comida, elas são consumidoras vorazes, principalmente de cosméticos e acessórios. Sabe o porquê dessa tendência? Pelo simples fato de que as peças “G” passam longe se serem realmente grandes. Diante disso, empresários de vanguarda começaram a apostar em marcas especializadas em moda “plus size”. E o resultado disso? Sucesso! Gordinhas satisfeitas e a economia mais ainda. Tanto que ultimamente elas têm conquistado lugares que até pouco tempo

eram dominados por modelos de, no máximo, 55 kg. Como é o caso do calendário Pirelli, capas de revistas como Elle Brasil, e por aí vai.

O preconceito ainda é grande, mas aos poucos as coisas vão mudando. O simples fato de ter opções no mercado para mulheres de todos os tamanhos já mostra que as gordinhas garantiram seu lugar no mundo glamoroso da moda. Mesmo com esse espaço reservado no mercado, muitas ainda sentem dificuldade na hora de se vestir, acham que certas peças só funcionam para as magrinhas e são cheias de “pode” e “não pode” na cabeça.



Primeiro conselho? Esqueça TUDO o que disseram que você não podia usar e PROVE tudo o que você quiser, ninguém melhor do que o seu espelho para dizer que sim ou que não. Procure inspirações antes de sair para comprar alguma coisa, não para copiar, mas para entender o que você gosta. Ah, e procure referências sem pensar se aquilo cai bem ou não em você, só vai dar pra saber mesmo quando estiver em frente ao espelho.



Outra coisa importantíssima: chega de procurar truques para “emagrecer”, você não precisa disso. Procure entender o que harmoniza com seu biótipo – até porque nem toda gordinha é igual. Faça uma análise do que você mais gosta no seu corpo e procure valorizar essa qualidade sempre. Por exemplo, se o seu colo é bonito, abuse dos decotes, se seu rosto é o ponto forte, dê destaque na maquiagem.





PIRELLI
Calendar
2015



Não deixe de lado as cores e estampas, elas também são bem-vindas no seu guarda-roupa. Esqueça a regra de que “preto emagrece”. É verdade? É sim, mas não se limite a usar exclusivamente preto, só se essa for uma opção sua e não uma obrigação. Sobreposições são ótimas para criar formas no corpo. Cintos e colares também. Saltos altos ajudam a equilibrar a silhueta, além de ajudarem na postura.

Essas simples dicas podem

ajudar bastante na hora de compor o look, mas nenhuma delas vai adiantar se você não estiver bem consigo mesma. E os primeiros julgamentos que precisam ser quebrados são os que vêm da sua própria cabeça. Agora, um segredinho: essas dicas não são exclusivas para aquelas que estão acima do peso, elas valem para qualquer pessoa, mas se eu não tivesse destacado que elas eram para gordinhas, muitas sequer teriam lido esta matéria.



Então, a principal dica é: não se privem de nada. Foi-se o tempo em que vocês não eram valorizadas. Vocês são lindas! E se é verdade que “você é aquilo que você come”, ninguém discute que as gordinhas são deliciosas!

VÉU E GRINALDA

Fotos: Alex Costa e RB

O céu conspirou a favor e o casamento de Maria Luísa Dutra e Hélio Rubens, no Beach Club Natal, de frente para o mar da Via Costeira, foi abençoado pelo pôr-do-sol. Toda linda, Malu usou vestido de renda renascença assinado pelo ateliê Alzira Azevedo. Ocasão com ambientação Luciano Almeida, serviço e delícias Olimpo.



Ao amor



Sob as bênçãos



Mesa by Luciano Almeida



A mãe Elza coruja a filha bela



Isabele e Aluizio Filho com os filhos



Pajem e daminha Henri e Bia



No paraíso



Hemerson e Larissa com o herdeiro Lucas



Depois do sim



Criatividade



Aluízio Dutra e Ângela



Alegria na pista de dança



Elza Dutra e a amiga Vânia Marinho



Hora de jogar o buquê



O casal e as primas Candice e Lucena Dutra



Guardanapo personalizado



Para a posteridade

PODER E EMOCÃO

Fotos: Jurinews

A posse do novo presidente do Tribunal Regional Federal da 5ª Região, no Recife, Marcelo Navarro, foi de prestígio e emoção. Emoção na saudação do desembargador Paulo Roberto Oliveira, com momentos de descontração e destaque para a capacidade intelectual do novo gestor. Emoção nas belíssimas palavras de Marcelo, com voz embargada e lágrimas no momento em que citou familiares e amigos. Ocasão com apresentação do grande músico potiguar Carlos Zens. Depois da solenidade, concorrido jantar de adesão no Arcadia, em Boa Viagem.



Marcelo Navarro, a mulher Ariadna e os filhos Marcelo e Helena Rocha Dantas



Advogado Marcelo Rocha e os procuradores da República Víctor Mariz e Ronaldo Sérgio Chaves



Apresentação do músico potiguar Carlos Zen



Marcelo Navarro e o advogado André Elali



Os amigos Eduardo Nobre e Tatiana Mendes Cunha



Casal Adriana e Gustavo Smith



Casal Cynthia e Tarcísio Barros



Com o sogro José Rocha e o cunhado Eduardo Rocha



Marcelo Navarro e os governadores Camilo Santana (CE), Paulo Câmara (PE), Robinson Faria (RN)

Foto: Juliana Galvão



Com a mulher, os filhos, a irmã Mônica Navarro, Fernanda Rocha, os sogros Vivi e José Rocha, cunhada Ariane Gaspar, cunhado Eduardo Rocha e Andressa



Getúlio Soares e o casal Célia e Edgar Smith



Karina e Fabiano Ramalho, Getúlio Soares, Thayza Barros, Anieda Calafange, Cynthia Barros



Discurso emocionado

Foto: Juliana Galvão



Nova mesa diretora do TRF5 - Marcelo Navarro e os desembargadores federais Roberto Machado (vice-presidente) e Fernando Machado (corregedor-regional)



Presidente do TJ, Cláudio Santos, ministro Gurgel de Faria (STJ)



Presidente do STJ, Francisco Falcão, e o desembargador federal convocado Ivan Lira



Des. Eridon Medeiros, Maurício Rands, Carlos Frederico Mesquita



Presidente do TCE-RN, Carlos Thompson, Wilkie Rebouças (PGE-RN), procurador Francisco Sales



Os colegas Marcelo Dias Alves e Magna Letícia



Thaíza Barros, Patrícia Lisboa Bezerra, Anieda Calafange, Tathyanna Bulhões, Getúlio Soares

HOLOFOTES

Fotos: Paulo Lima

Após ser empossado ministro do Turismo pela presidente Dilma no Palácio do Planalto, Henrique Eduardo Alves recebeu o cargo do antecessor Vinícius Lages, diante de plateia concorrida e poderosa.



Na transmissão de cargo, Henrique Alves e Vinícius Lages com o presidente da Câmara, Eduardo Cunha



Alberto Alves (secretário executivo do Turismo) e Ronald Starling



Primeira-dama do Turismo, Laurita Arruda com Natália Lagreca e Anita Maia



Deputado estadual Nélder Queiroz e o deputado federal Walter Alves



Senadores Raimundo Lira, Garibaldi Filho, José Agripino Maia, Edison Lobão



Deputados Rafael Motta e Gastão Vieira



Carlos Emericiano, Cláudia Dias, Heitor Gregório



Rubens Gallerani, Kátia Cristina Alves, Sílvio Leite



Cláudio Magnavita, José Osório Neves, Cristiano Queiroz, Eraldo Alves



Deputados Lúcio Vieira, Wellington Roberto e André Moura



Decolando para o desenvolvimento.

O Rio Grande do Norte foi privilegiado pela natureza. A sua localização geográfica lhe confere uma posição estratégica diferenciada em relação aos demais estados brasileiros.

Como ponto mais próximo da Europa e África e a vizinhança das Américas do Norte e Central, o nosso estado foi decisivo na Segunda Guerra Mundial quando Parnamirim se transformou no Trampolim da Vitória dos Aliados contra as forças Nazistas.

Agora, em tempos de paz, temos a oportunidade de transformar mais uma vez nosso estado em um centro de conexão mundial. O novo Aeroporto Internacional Governador Aluizio Alves, em São Gonçalo do Amarante, pode ser escolhido para sediar um HUB do Grupo

LATAM, concentrando uma boa parcela das suas operações em nossa região.

É essencial que neste momento, as forças políticas e empresariais se unam em nome do progresso e do desenvolvimento, transportando São Gonçalo do Amarante para um novo tempo e dessa vez impulsionar o desenvolvimento do Rio Grande do Norte.



Prefeitura de
**São Gonçalo do
Amarante | RN**

Mais Trabalho, Mais Desenvolvimento.

TÚNEL DO TEMPO

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo da família e Bobflash

Foi festão

O Iate Clube de Natal, às margens do belo Rio Potengi, foi cenário, no dia 8 de dezembro de 2006, do aniversário de 40 anos do empresário Marcelo Alecrim, presidente da ALE, a quarta maior distribuidora de combustíveis do Brasil. Ao lado da mulher Elinor e dos filhos Flávia e Jair Neto, luzes e holofotes para uma noite que reuniu chiques, famosos e poderosos, que se jogaram na pista de dança ao som da banda Amistad. Ocasião com tilintares de Old Parr e borbulhas, comidinhas gostosas assinadas pelo buffet mais tradicional da cidade: Nick. Na hora dos parabéns, uma grande queima de fogos iluminou o Rio Potengi. Uma festa “pro dia nascer feliz”.



O aniversariante com a família: Elinor e os filhos Flávia e Jair



Odete Guerra, Idáisa Fernandes, Cinthia Delfino, Micarla de Sousa



Lourdes Flor e Diógenes Alvares



Karenina Fernandes, Alessandra Chianca, Tereza Tinoco, Veruska Borges



Fafá e Marcos Procópio



Vera e Luiz Jackson



Lúcia Oliveira, Themis Costa



**Hugo Manso, o aniversariante,
senadora Fátima Bezerra , Diógenes Dantas**



**Vicente Freire e o
senador Garibaldi Filho**



Gervânia Teixeira, Joy Fonsêca



Beta e Marino Eugênio



Miriam e Orismar Almeida



Monaliza e Túlio Flor



**Com José Maurício e a então governadora Wilma de
Faria, Hilneth Correia, Magnólia Fonseca**



**Fabiana Lyra, Ana Cristina
Fernandes , Andréa Porpino**



Anita Catalão e José Agripino



CARLOS DE SOUZA



TEATRO

Nesta edição quero homenagear mulheres potiguaras que se destacam no mundo das artes. Vou começar com Titina Medeiros, seridoense de Acari que hoje figura entre os nomes de destaque na teledramaturgia brasileira, interpretando personagens de sucesso em novelas da Rede Globo. Titina é uma jornalista que optou desde cedo pelo teatro, ainda hoje sua atividade preferida. São muitas peças em sua carreira que nem dá para colocar todas aqui, mas quero destacar sua participação em *Pobres de Marré* e *Sua Incelência Ricardo III*, no grupo Clowns de Shakespeare.

Mais teatro

Outra atriz que vou destacar aqui é Quitéria Kelly. Sua carreira em parceria com Titina Medeiros na peça *Pobres de Marré* é também uma das mais profícuas do teatro potiguar. A peça *Jacy*, de autoria de Pablo Capistrano e Iracema Macedo e encenada por ela no grupo Carmin, é um dos grandes sucessos de nosso teatro. É uma atriz com grande potencial para levar o teatro potiguar aos palcos de todo o país e para o exterior. Talento acima da média.



Ainda teatro

Não poderia deixar de lembrar também Joana Prates, outra grande atriz potiguar. Sua atuação no grupo Estação de Teatro é das mais brilhantes dessa nova safra de artistas do palco. Além de atriz, ela também é fotógrafa e está sempre defendendo causas sociais e ambientais. Apesar de gaúcha, ela se considera a mais potiguar das criaturas que habitam esse nosso universo cultural.

Dupla fotografia

Essas duas jovens fotógrafas já se destacam entre os grandes nomes das artes potiguaras. Organizadoras do espaço Duas, em Ponta Negra, Mariana do Vale e Elisa Elsie despontam como uma das mais criativas duplas de produtoras culturais de Natal. Com cursos de fotografia em Nova York, Elisa divide essa nova função com a de jornalista sempre atendida com a realida-



Canindé Soares

de local e nacional. Mariana tem curso de fotografia na Espanha e também é jornalista.

Artes visuais

A mossoroense Clarissa Torres é formada em artes visuais pela Unicamp e produz uma vigorosa arte pop numa profusão de co-

res e traços precisos e bem coloridos. Mas ela surge em Natal como uma nova promessa de agitadora cultural com seu espaço denominado Surto Cultural, ali no começo da Rota do Sol, no conjunto Ponta Negra. Ela faz parte de uma nova geração de artistas que não querem apenas ficar reclamando da falta de apoio oficial e prefere a ação imediata. Sangue novo, sangue bom.



Literatura

Carlos Fialho é um desses jovens empreendedores que não ficam esperando a oportunidade cair do céu. Criador da editora Jovens Escribas, ele é hoje um dos mais ativos promotores culturais na área de produção de livros. Sua editora já figura entre uma das mais promissoras, num cenário em que só as grandes editoras tiveram vez até agora. Os projetos de geração de novos leitores que ele promove está movimentando alguns setores educacionais do nosso estado.



Mais literatura

Pablo Capistrano é um dos escritores mais ativos dessa nova geração de autores potiguaras. Além disso, ele é professor de Filosofia e Direito do IFRN e autor dos livros Domingos do Mundo, Descoordenadas Cartesianas, Pequenas Catástrofes, Simples Filosofia, É Preciso Ter Sorte Quando se Está em Guerra.



Música

A cantora potiguar que mais chama a atenção no gênero rock no Brasil, é sem dúvida Emmily Barreto, da banda Far From Alaska. Depois de sua participação no Festival Lollapalooza ficou patente sua capacidade vocal e desenvoltura de palco. Ela desponta para uma carreira que promete ultrapassar os limites de nosso estado para um voo mais alto e internacional. Boto fé.



Servir a Deus, servir ao homem

A escolha do tema e do lema da Campanha da Fraternidade deste ano não poderia ser mais feliz, tendo em vista o período inquietante, por vezes sombrio, que se configura no Brasil e no nosso Estado. O tema “Fraternidade: Igreja e Sociedade” traduz bem seu objetivo geral, que é aprofundar o diálogo e a colaboração entre a Igreja e a sociedade, propostos pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, visando sempre o bem comum e a busca pela Solidariedade, Paz e Justiça Social. O lema “Eu Vim para Servir” nos recorda as palavras de Jesus, segundo São Marcos: “Qualquer entre vós que quiser ser grande, será vosso serviçal; E qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro, será servo de todos. Porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos.”

O amor ao próximo está na base dos ensinamentos de Cristo. “Segui-me, e eu farei de vós pescadores de homens”, disse Jesus aos irmãos André e Simão, depois chamado Pedro, o primeiro papa da Igreja. O amor ao próximo também está presente na história da Campanha da Fraternidade, que teve origem no nosso estado, no início dos anos 1960. Sob a coordenação de Dom Eugenio Sales, um grupo de padres e leigos buscou implantar,

entre a comunidade católica, uma mentalidade de cooperação local com as obras pastorais e sociais da Igreja. O embrião da Campanha foi em Nísia Floresta, com caminhadas evangelizadoras a pé, de povoado em povoado, e as Semanas da Fraternidade, com a doação de produtos agrícolas cuja venda era revertida para a compra de colchões, redes e outros bens, para as famílias pobres do município. Restrita à Arquidiocese de Natal, a primeira Campanha da Fraternidade, em 1962, arrecadou um milhão de cruzeiros, o que hoje corresponderia a mais ou menos R\$ 50 mil. Um ano depois, já se espalhava por 25 dioceses do Nordeste, e, em 1964, realizava-se em todo o Brasil.

Hoje, os desafios são muitos: mais de duzentos milhões de cidadãos, uma urbanização crescente, com os problemas decorrentes que atingem toda a sociedade, o aumento da criminalidade e do consumo das drogas, a marginalização das minorias etc. Como externou o Arcebispo de Natal, Dom Jaime Vieira Rocha, “a participação de todos representa a confiança, compromisso, atenção e esperança que podemos ter por um mundo melhor, que passa pela ação de cada um”.

É, pois, tempo de servir.

“

O amor ao próximo está na base dos ensinamentos de Cristo”.

TV Câmara Natal. Sinônimo de transparência.

Transparência é a virtude de deixar transparecer, de mostrar-se, de apresentar as decisões do legislativo municipal e promover cidadania e cultura com programas que são a cara do nosso povo.

Transparência é mostrar tudo isso com a qualidade do sinal digital aberto para sua casa. É isso que a TV Câmara Natal é, transparente em todos os sentidos.



PROGRAMAS:

- | | |
|--------------------------|----------------------|
| ■ SESSÕES ORDINÁRIAS | ■ TV FISCO EM PAUTA |
| ■ SESSÕES SOLENES | ■ TV RURAL |
| ■ AUDIÊNCIAS PÚBLICAS | ■ QUINTA JURÍDICA |
| ■ CÂMARA REPÓRTER | ■ JUSTIÇA E VOCE |
| ■ COM A PALAVRA VEREADOR | ■ AGORA É LEI |
| ■ CÂMARA VERDE | ■ DICAS DA TV CÂMARA |
| ■ CÂMARA ESPORTIVA | ■ FAÇA O BEM |
| ■ CÔMITE DE IMPRENSA | ■ MEU BAIRRO |
| ■ DIRETO AO PONTO | ■ MOMENTO CULTURAL |
| ■ TELA DE JUSTIÇA | ■ PERFIL PARLAMENTAR |
| ■ PENSANDO BEM | ■ PONTOS HISTÓRICOS |
| ■ EDUCAÇÃO EM PAUTA | ■ VOCÊ SABIA |



Câmara Municipal de Natal
A CASA DO POVO, A SUA CASA.



O MAIOR
ARRAIÁ DO RN



ARRAIÁ DO
AVIÕES
NATAL

AVIÕES
DORGIVAL

SÁB 13 JUN
SAVE THE DATE